

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE - UFS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS - CECH
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL - DCOS
PUBLICIDADE E PROPAGANDA**

ERIKA AZEVEDO OLIVEIRA

Não quero ser *too woke*: ressignificação da cultura woke no X

São Cristóvão - SE

2026

ERIKA AZEVEDO OLIVEIRA

Não quero ser *too woke*: ressignificação da cultura woke no X

Trabalho de Conclusão de Curso realizado como requisito para obtenção de grau de bacharel em Publicidade e Propaganda pela Universidade Federal de Sergipe.

Orientador: Prof. Dr. Claudomilson F Braga

São Cristóvão - SE

2026

AGRADECIMENTOS

Na obra literária Tudo É Rio, Carla Madeira afirma que "existe um certo milagre nos encontros" e sinto-me contemplada pelos encontros milagrosos que a vida foi capaz de me proporcionar. Primeiramente à minha família, a fusão de dois seres que correm no meu sangue e motivam a cada momento a realização dos meus sonhos, aqueles a quem serei eternamente grata. Em seguida aos amigos que apoiaram e contribuíram com o desenvolvimento desta monografia, frutos da predição do destino de os colocarem em meu caminho e florescerem o que há de melhor em mim.

Seguindo a colocação supracitada, Carla prossegue afirmando que "não é tolo dizer que o amor é sagrado", e não poderia estar mais certa. Para chegar aqui foi necessário o amor sagrado pela vida e por tudo que ela ainda pode me proporcionar, amor pelo futuro e as incertezas que ele carrega e amor pela disposição de me permitir viver tudo isso. Com este pensamento, sou grata ao curso de Publicidade e Propaganda por me proporcionar a montanha-russa de emoções dos últimos quatro anos, por me permitir ser quem sou e me identificar com aquela que ainda quero ser.

Gostaria de agradecer também ao Prof. Claudomilson por toda a assistência, apoio e compreensão durante a jornada do desenvolvimento deste trabalho, desde o início pude ser guiada para que fosse um processo leve e chegássemos até aqui apenas colhendo os frutos de uma monografia que possa retribuir o conhecimento absorvido no ambiente da Universidade Federal de Sergipe e o investimento daqueles que acreditam que a educação é capaz de mudar vidas.

Sendo assim, sou grata ao destino por todo o caminho que trilhei até o final de mais um ciclo, grata por todas as conquistas, pessoas que conheci, amor que dei e recebi e ao que ainda há de vir. No momento, sou grata não apenas ao presente pela conclusão deste curso que pôde despertar o melhor de mim, mas também ao mistério do futuro que torna-se cada vez menos assustador estando ao lado daqueles que são frutos dos "encontros milagrosos" e que apenas comprovam que o "amor é sagrado".

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - "Fila do pão durante a inundação de Louisville, Kentucky".....	14
Figura 2 - Charge do artigo "If you're woke you dig it".....	16
Figura 3 - Divulgação do Jim Crow oficial.....	22
Figura 4 - Cena de Tom e Jerry antes da censura.....	23
Figura 5 - Cena de Tom e Jerry antes da censura.....	23
Figura 6 - Cartaz dizendo "Sala de espera para pessoas de cor" numa estação de ônibus.....	24
Figura 7 - Cena do vídeo do assassinato de George Floyd.....	26
Figura 8 - Fachada do Supermercado Cup Foods.....	27
Figura 9 - Perfil do X em apoio ao Black Lives Matter.....	28
Figura 10 - Gráfico demonstrativo do uso diário da hashtag #BlackLivesMatter.....	29
Figura 11 - Publicação "The woke era is over.".....	31
Figura 12 - Publicação com crítica considerada woke.....	32
Figura 13 - Publicação sobre gentrificação do woke.....	33
Figura 14 - Publicação sobre tribunal de pequenas causas.....	34
Figura 15 - Post de "Últimas entradas" do Djavan.....	44

RESUMO

Tendo em vista a ascensão entre pautas raciais e de outras comunidades prejudicadas socialmente como mulheres e LGBTQIAP+'s, assuntos que antes não eram discutidos tornaram-se eixos de discussão sobre visibilidade e equidade de direitos principalmente nas redes sociais. Esses eventos estão relacionados ao que pode-se denominar Cultura Woke, em que a sociedade abandona o estado alheio a estas pautas e torna-se consciente das injustiças ocorridas. Apesar da sua importância, um tópico entra em vigência na atual conjuntura do X: o wokismo enfrentado como algo negativo. Apesar da popularização do termo ser advinda de uma tragédia de comoção global em 2021, a ressignificação do termo e da interpretação dos usuários necessita de uma análise para que seja possível compreender o que gerou esse efeito. O X torna-se palco principal desta discussão por ter sido atribuída a ele a imagem de uma rede social demarcada por discussões acerca de pautas sociais, que diariamente são mostradas nas timelines de milhões de usuários. Portanto, é de suma importância o entendimento acerca da mudança de significado associada ao que denomina-se *woke*, advinda da união de diversos fatores comunicacionais.

Palavras-chave: Cultura Woke; *Woke*; X; pautas sociais; ressignificação.

ABSTRACT

In view of the rise of racial agendas and those of other socially marginalized communities, such as women and LGBTQIAP+ people, issues that were previously not discussed have become central to debates on visibility and equity of rights, especially on social media. These developments are related to what can be referred to as *Woke Culture*, in which society moves away from indifference to these agendas and becomes aware of existing injustices. Despite its importance, a topic has gained prominence in the current context of X: *wokeness* being framed as something negative. Although the popularization of the term stems from a tragedy of global impact in 2021, the re-signification of the term and the interpretation by users require analysis in order to understand what generated this effect. X becomes the main stage for this discussion, as it has been attributed the image of a social network marked by debates on social issues, which are daily displayed on the timelines of millions of users. Therefore, understanding the shift in meaning associated with what is referred to as *woke*, arising from the convergence of multiple communicational factors, is of paramount importance.

Keywords: Woke Culture; Woke; X; social issues; re-signification.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
1 NASCIMENTO DA CULTURA WOKE.....	13
1.1 PRIMEIRA APARIÇÃO NA MÍDIA.....	13
1.1.1 BEATNIKS.....	14
1.1.2 IF YOU'RE WOKE YOU DIG IT.....	15
1.2 INFLUÊNCIA DAS FORMAS DE SE COMUNICAR.....	18
2 DAS RUAS PARA AS REDES.....	20
2.1 CASO MICHAEL BROWN.....	20
2.1.1 JIM CROW.....	21
2.1.2 ERA JIM CROW.....	23
2.2 GEORGE FLOYD E #BLACKLIVESMATTER.....	25
3 IMPACTOS A LONGO PRAZO.....	30
3.1 DISCURSO E IMPACTOS COMUNICACIONAIS.....	30
4 METODOLOGIA.....	35
4.1 ANÁLISE DE DISCURSO (TEORIA).....	35
4.2 COLETA DE DADOS.....	37
4.3 ANÁLISE DE DISCURSO (PRÁTICA).....	38
5 DISCUSSÃO.....	43
6 CONCLUSÃO.....	46
REFERÊNCIAS.....	48
APÊNDICES.....	52
APÊNDICE A - ENTREVISTA 1.....	53
APÊNDICE B - ENTREVISTA 2.....	55
APÊNDICE C - ENTREVISTA 3.....	58
APÊNDICE D - ENTREVISTA 4.....	61
APÊNDICE E - ENTREVISTA 5.....	64
APÊNDICE F - ENTREVISTA 6.....	67
APÊNDICE G - ENTREVISTA 7.....	69
APÊNDICE H - ENTREVISTA 8.....	72

INTRODUÇÃO

A partir da experiência do ser humano em sociedade, a influência dos adventos tecnológicos nas relações intra e interpessoais e os impactos causados pela união desses dois elementos, os benefícios e malefícios tornam-se cada vez mais visíveis e contrastantes.

Com os avanços das novas tecnologias, ferramentas eficientes foram disponibilizadas para atividades comerciais, industriais, lazer e comunicação, proporcionando uma interação global, bem como grande agilidade nas negociações e nas influências mútuas. Porém, juntamente com os benefícios, o uso inapropriado das novas tecnologias pode causar danos irreparáveis. (Hadassa Silva, 2021, p. 5)

Partindo da velocidade das informações e variações de plataformas digitais disponíveis ocasionadas pela globalização, é possível que um usuário de um extremo do mundo possa comunicar-se com outro em segundos. Para Castells "As redes de comunicação digital são a coluna vertebral da sociedade em rede" (2002), e com isso, as redes sociais tornaram essa ponte ainda mais viável, levando milhões de usuários a realizar o uso dos seus serviços, como por exemplo em 2006, quando foi lançado o Twitter (atual X).

A dinâmica do X consiste na realização de posts em que podem ser utilizados vídeos, fotos ou palavras contendo uma quantidade limitada de caracteres. Um ponto característico do X é a utilização de *hashtags*, cujo conceito foi elaborado em 2007 pelo designer Chris Messina, com o objetivo de agrupar mensagens sobre um mesmo assunto e facilitar a busca por temas específicos na plataforma.

Um evento que pode ser considerado produto da união dos fatores supracitados foi o movimento "#BlackLivesMatter". Em 2020, George Floyd, um afro-americano de 46 anos, foi acusado de utilizar uma nota falsa de vinte dólares em uma ida ao supermercado, fazendo com que a polícia fosse acionada e ocasionando a sua prisão, porém, o que causou a comoção geral foi o que sucedeu este ocorrido. Um vídeo do momento da prisão de Floyd viralizou e chocou os espectadores ao mostrar como foi realizada a sua imobilização: George estava deitado e algemado no chão alegando que não conseguia respirar, enquanto o policial estava com o joelho posicionado no seu pescoço. O que foi registrado e postado nas redes sociais e veículos de notícias foram os últimos minutos de vida do rapaz, que permaneceu cerca de 08 minutos nas condições mostradas nos vídeos, até que não resistiu.

Após esses eventos, o X foi um grande impulsionador do movimento "#BlackLivesMatter" traduzido como "Vidas Negras Importam", como forma de protesto e de conscientização sobre o que ocorreu com Floyd. Esse momento de consciência geral em

torno de uma pauta racista popularizou o que se pode chamar de "*woke culture*" ou "*great awakening*", em que a sociedade que vivia alheia aos problemas sociais em vigência passam a "acordar" e tomar consciência dos problemas enfrentados e do que se pode fazer para combatê-los. Apesar de parecer simples, ainda é preciso entender qual é o papel da cultura nesse *awakening* e o que torna esse conceito tão fundamental para entender pautas relacionadas ao atual contexto social mundial.

Em um cenário que se sabe que globalmente existe uma variedade de povos, costumes e ideologias, Stuart Hall disserta sobre como a afinidade entre esse conjunto de elementos é a base do que se pode definir como cultura, "A cultura depende de que seus participantes interpretam o que acontece ao seu redor e 'dêem significado' às coisas de forma semelhante" (2016, p.20). Assim, ao associar os conceitos de cultura + *woke*, é possível definir que trata-se de uma ideologia que engloba indivíduos que interpretam as injustiças sociais de maneira semelhante.

Originalmente o termo se referia ao estado de alerta permanente em que alguns grupos sociais vivem devido à de sua raça; hoje ele foi estendido para qualquer tipo de opressão e desigualdade social relacionado ao gênero, sexualidade, violência contra a mulher ou qualquer grupo legalmente desprotegido. (Gil, 2023, p. 7)¹

Apesar de se tornar popular como uma proposta consciente e positiva, na atualidade (2026) é possível observar na timeline do X, usuários que já iniciam as suas publicações com "Não quero ser *too woke* mas...". A partir dessa experiência, surge o questionamento que permeia constantemente sobre o assunto que será o eixo para o desenvolvimento desta monografia: o que houve com a cultura *woke* desde o #BlackLivesMatter? O uso do termo de forma pejorativa fomenta uma análise do que aconteceu no X e com a comunidade ideologicamente semelhante que visava lutar pelo direito de minorias. Quando *woke* virou algo ofensivo?

Hall denomina os elementos: identidade, emoção e pertencimento como significados culturais, e a partir disso afirma que "significados culturais não estão apenas na nossa cabeça – eles organizam e regulam práticas sociais, influenciam nossa conduta e conseqüentemente geram efeitos reais e práticos" (2016, p.20). Se esses conceitos são capazes de realizar a distinção entre grupos que compartilham das mesmas identidades, emoções e pertencimentos, é relevante realizar uma análise de quais eventos foram os catalisadores para esses tais efeitos reais e práticos: a distorção do que se entende como cultura *woke* e a sua ressignificação no X.

¹ "Originally the term referred to the permanent state of alertness in which some social groups lived because of the oppression of their race; today it has been extended to any area of oppression and social inequality related to gender, sexuality, violence against women or any legally unprotected group."

Portanto, pode-se entender que o X de certo modo tornou-se território de uma disputa hegemônica entre os que "acordaram" e os que "não querem ser *too woke*", e que, como um usuário ativo, pode-se observar diariamente essas duas vertentes se manifestando na disputa pela razão e pela dominância. Uma rede social que inicialmente, como fruto da globalização, era marcada pela possibilidade de interagir e compartilhar gostos com outras pessoas, passou a ser vista principalmente como palco para diversas discussões sobre pautas sociais. Mas afinal, existe um lado certo e um lado errado?

Este trabalho monográfico se justifica em razão das vivências no X pela autora da pesquisa relacionadas à observação diária do uso do termo "woke" de maneira pejorativa. Devido à dinâmica de postagens do aplicativo, em que as pessoas podem esboçar opiniões de maneira clara e incisiva, virou característica essencial da plataforma os debates entre os usuários de opiniões distintas. A partir do que já foi mencionado acerca da Cultura Woke e as suas interpretações, é possível encaixá-la no que Sawicki e Siméant definem como militância: "toda forma de participação coletiva que vise a defesa ou a promoção de uma causa." (2011, p.201). Desse modo, virou uma experiência comum para usuários ativos se deparar com a timeline demarcada por diversas abordagens militantes acerca de assuntos sociais.

Porém, até que ponto o excesso pode alterar a percepção do receptor? De que maneira o discurso utilizado para a propagação de mensagens influencia no resultado da discussão de assuntos de grande relevância social? Estes tópicos tornam-se necessários a serem discutidos após a experiência da autora como usuária, em que ao utilizar o X diariamente, deparava-se constantemente com publicações que carregavam uma carga de militância e que a tendência era que grandes debates fossem gerados através disso. Como fruto da curiosidade, o percurso tomado na rede não limitava-se apenas ao que aparecia na timeline, mas também se aprofundava nas respostas e comentários relacionados ao que foi publicado.

O fatídico episódio que a despertou e fez questionar sobre o tipo de mensagem utilizada no X e a maneira como os assuntos são abordados afetam o usuário foi que, seguindo a lógica de que cotidianamente são realizadas em média 500 milhões de postagens de acordo com o TweetEraser, os usuários são bombardeados de diversas postagens sobre variados assuntos ao acessar o aplicativo. Porém, posts com teor de indignação e militância tornaram-se cada vez mais frequente na *home*, e devido a curiosidade de entender um pouco mais sobre as discussões e de certa forma interagir com a publicação por intermédio de comentários ou até mesmo apenas cliques para "saber mais", o algoritmo interpreta como algo que gostaria de ver mais. Atribuído a esse conjunto de fatores, a saturação de publicações com

esse mesmo conteúdo a fez sentir uma espécie de repulsão à plataforma, fomentando compreender exatamente de que modo agem as causas e seus efeitos nos usuários.

Sendo assim, do ponto de vista metodológico, é necessário fazer uma análise sobre diversos fatores que compõem o X e que contribuem diretamente com a maneira que esses pontos são recebidos e interpretados pelo usuário, gerando impactos como essa repulsão ao que é apresentado. Além da potencialização da cultura *woke*, como o antigo Twitter virou palco para debates acerca de questões sociais? Esta análise busca compreender os processos comunicativos que possibilitaram a imagem do X a ser associada automaticamente como uma rede pautada na militância, de modo que essa descoberta contribua com o entendimento em torno da ressignificação do *awakening*.

Para atender aos objetivos deste trabalho, a estrutura divide-se de maneira que seja possível compreender a partir do viés teórico a ressignificação da cultura *woke* no X. No primeiro capítulo é apresentado o nascimento do uso do termo *woke* com uma significação fora do habitual na mídia, evidenciando o contexto histórico da época em que o *American Way Of Life* estava em ascensão e a influência dessa ideologia nos eventos que se sucederam até a primeira aparição do wokismo. Além disso, ele também expõe o papel fundamental dos meios de comunicação em questões identitárias e propagação de ideias.

O segundo capítulo visa traçar o caminho percorrido desde o caso Michael Brown – jovem negro assassinado que gerou grande comoção principalmente entre a população estadunidense – em que o Twitter passou a ser utilizado como palco de manifestações contra o racismo e a injúria racial. Até o caso George Floyd, em que efetivamente houve a viralização do movimento Black Lives Matter e a mescla entre protestos realizados em espaços físicos e virtuais como fator potencializador da mensagem central. Entre um ponto e outro são repassados diversos fatores históricos de suma importância que contextualizam melhor a visão externa que os estadunidenses tinham acerca da população negra.

Já no terceiro capítulo, a essência principal são os eventos da atualidade, no pós-ressignificação e os seus impactos nas interações da rede. Diante de um aplicativo destinado à interação de usuários, é de suma importância que observe-se o papel das questões comunicacionais e do discurso nessa brusca alteração da conotação do wokismo. Além disso, também são postas em evidência as vertentes e ramificações que levaram o *woke* na atualidade, seja para citá-lo pejorativamente como algo que deve acabar ou para iniciar uma postagem de maneira defensiva de alguém que "não quer ser *too woke*".

No que tange à metodologia e a utilização da teoria para a aplicação de maneira prática, foi realizada uma pesquisa qualitativa a partir de entrevistas de profundidade com

indivíduos que correspondessem às exigências solicitadas. A partir das perguntas formuladas de maneira incisiva para alcançar as respostas com maior potencial de atender aos objetivos desta monografia, os resultados passaram por uma Análise Crítica do Discurso, desenvolvida por Norman Fairclough. A união entre a entrevista e a análise dos seus resultados visa esclarecer os questionamentos que rodeiam a transição da Cultura Woke como algo positivo e inspirador para algo ruim e ofensivo.

Assim, sendo possível concluir os fatores comunicacionais que colaboraram para a ressignificação na cultura woke no X, desde o meio em que a informação é propagada, a relevância das pautas e até mesmo a maneira que a mensagem é comunicada aos outros usuários. Dessa maneira, possibilita-se a resolução dos questionamentos primordiais que centralizam esta monografia: o que houve com a cultura *woke* desde o #BlackLivesMatter? Quando *woke* virou algo ofensivo?

1 NASCIMENTO DA CULTURA WOKE

Ao pesquisar o significado de "woke", o dicionário Oxford dispõe da classificação original da palavra: o verbo "acordar" flexionado no tempo passado. Porém, adaptando-se aos novos contextos em que a palavra passou a ser utilizada massivamente, ele também traz o "woke" como um adjetivo, cujo significado é: "aware of social and political issues and concerned that some groups in society are treated less fairly than others".²

Para uma melhor compreensão acerca do assunto, é essencial uma análise cujo ponto de partida seja o nascimento desse advento. É necessário buscar o que seria exatamente esse "acordar" e o que motivou as pessoas a não apenas adotarem o significado e lutarem pela causa durante o seu surgimento, mas também a maneira como ele é visto e interpretado no X na atualidade, de modo que os usuários têm a preferência de não serem vinculados a esse movimento.

1.1 PRIMEIRA APARIÇÃO NA MÍDIA

É indiscutível o valor dos meios de comunicação quando se trata de manifestações e protestos que violam os direitos humanos. Apesar da cultura woke estar relacionada principalmente ao #BlackLivesMatter, que surgiu em 2020 como resposta ao assassinato injusto do cidadão negro George Floyd, esse termo chegou a aparecer na mídia anteriormente de maneira inusitada.

Em 1962, o escritor William Melvin Kelley publicou um artigo de opinião no jornal norte-americano The New York times intitulado "If You're Woke You Dig It; No mickey mouse can be expected to follow today's Negro idiom without a hip assist."³. Ao iniciar, ele comenta sobre uma breve experiência comum no cotidiano de qualquer nova-iorquino: utilizar o metrô para se deslocar de um local a outro e durante o percurso observar todas as propagandas, placas e avisos que são colocados lá. Diante disso, uma das placas chamou-lhe a atenção: nela, constava um aviso para que todos cuidassem do metrô – visto que ele é público

² "conscientes das questões sociais e políticas e preocupados com o fato de alguns grupos da sociedade serem tratados de forma menos justa do que outros."

³ "Se Você Acordou Você Curtiu; Não se pode esperar que nenhum Mickey Mouse siga o idioma negro de hoje sem uma ajuda de quadril."

e todos merecem o bem-estar de estar em um ambiente bem cuidado – escrito em 20 idiomas diferentes, porém o 18º constava como "beatnik".

1.1.1 BEATNIKS

Mediante essa pequena experiência de Kelley, é de demasiada importância que seja compreendido o que foram os beatniks e como eles participaram do *insight* obtido para o uso estratégico da palavra "woke" com um sentido diferente do comum.

De acordo com Cordeiro (2017) em "Memórias de uma beatnik: por um viés emancipatório", após o fim da Segunda Guerra Mundial, os Estados Unidos visavam se concretizar como um potência capitalista em expansão do seu mercado consumidor, lotando as pessoas de propagandas de artefatos inovadores e estilos de vida revolucionários a serem vendidos. Para que essa estratégia se tornasse ainda mais convincente, foi reforçado o slogan "American Way Of Life" para caracterizar os americanos como seres conservadores e que buscam o melhor para a sua família que já era utilizado no país. Os objetivos comerciais dos EUA eram atingidos com esse slogan devido à essa imposição de maneira sutil nos cidadãos de que, para atingir o conforto e qualidade de vida, você deve buscar adquirir bens materiais, assim, formando um ciclo vicioso em que as pessoas trabalham para gastar o dinheiro com a "felicidade" e precisam trabalhar cada vez mais para serem mais felizes e satisfeitos.

Figura 1 - "Fila do pão durante a inundação de Louisville, Kentucky"



Fonte: Margareth Bourke-White (1937)

Porém, os jovens adultos que estariam prestes a ingressar efetivamente no mercado de trabalho e viver propriamente dito como adultos passaram a se incomodar com o que estava sendo propagado como "meio de atingir a qualidade de vida". Sendo assim, foi criado o

movimento beatnik, palavra cuja definição no dicionário Cambridge é "A young person who did not accept society's customs and principles and showed this by the way they dressed and behave"⁴. Caracterizado por ter sido um movimento cultural, artístico e literário, era composto e propagado massivamente por pessoas brancas que estavam inconformados não apenas com o estado de transe das pessoas com as questões consumidoras, mas que também discordavam do viés conservador adquirido pela nação, em que as minorias eram ainda mais excluídas e sobrepostas pela família tradicional.

Cordeiro também menciona que, conhecidos também como Geração Beat, esse termo é advindo da palavra *beat* ser utilizada por jovens americanos com o intuito de expressar cansaço (ex: Man, I beat) e também para se referir à música, principalmente ao jazz que era tocado nos locais que esses jovens costumavam frequentar. Já de acordo com o Dicionário Merriam-Webster, o sufixo -nik está relacionado a "alguém conectado ou caracterizado por ser", além da época coincidir com a Guerra Fria caracterizada pela corrida espacial, em que o que demarcou o início dessa era foi o lançamento do satélite soviético Sputnik I em 1957.

1.1.2 IF YOU'RE WOKE YOU DIG IT

O estranhamento de Kelley não ocorre apenas pela placa com o idioma intitulado beatnik, mas também pela maneira que a frase está escrita, composta por palavras do inglês tradicional, porém utilizando expressões de um jeito que tornasse característico daquele grupo. No decorrer do artigo, ele expressa a sua opinião em forma de desdém aos protestantes que "embranqueceram" a causa com as vestimentas e vocábulos utilizados de maneira peculiar. O "dialeto" utilizado pelos beats foi ainda mais reduzido quando o escritor trouxe a comparação de que inicialmente os negros utilizavam esse recurso de adaptar e criar palavras para conviver com outros negros e garantir a própria sobrevivência durante a época da escravidão.

Isso significaria que a língua era usada principalmente para fins de sigilo, exclusão e proteção. Se o seu mestre não soubesse do que você estava falando ou planejando, ele não poderia puni-lo, e você poderia manter sua inocência e ignorância. [...] O orgulho do negro nessa expressão idiomática é o de um homem que observa outra pessoa fazer de forma inepta o que ele sabe fazer bem. O negro ri dos brancos que tentam usar sua língua. (Kelley, 1962)⁵

⁴ "Uma pessoa jovem que não aceita os costumes e princípios da sociedade e mostra isso por meio da maneira que se veste e como se comporta."

⁵ This would mean that the language was used primarily for secrecy, exclusion and protection. If your master did not know what you were talking about, or planning, he could not punish you, and you could maintain your

Voltando um pouco ao início do artigo de opinião, o primeiro elemento que é possível analisar é uma charge que complementar à temática:

Figura 2 - Charge do artigo "If you're woke you dig it"



Fonte: William Melvin Kelley (1962)

As únicas falas contidas na charge são as que compõem o diálogo entre dois homens negros, que dizem:

- That was my fox, man, and you were copping my taste and grit!
- Don't jump salty on me.

Cuja tradução literal pode ser identificada como:

- Aquela era minha raposa, cara, e você estava copiando o meu gosto e grãos de areia!
- Não pule salgado em mim.

innocence and ignorance. [...] The Negro's pride in this idiom is that of a man who watches someone else do ineptly what he can do well. The Negro laughs at white people who try to use his language. (Kelley, 1962)

É perceptível que a sintaxe das palavras enquanto tradução e sentido literal não fazem sentido, colaborando com os outros elementos apresentados na charge: do lado esquerdo é mostrado o lexicógrafo⁶ americano Noah Webster e do lado direito o também lexicógrafo americano Peter Mark Roget, ambos com expressões confusas diante do diálogo no qual estavam presenciando.

A expressão *my fox* na verdade não está se referindo ao animal raposa, mas ao seu significado alternativo e adaptado: uma mulher bonita (Dicionário Merriam-Webster). Assim como *grit* também não refere-se a grãos e tampouco à areia, mas sim a uma atitude de coragem ou cerrar os dentes em ato corajoso (Dicionário Cambridge), e por fim, a colocação da palavra *salty* na resposta do companheiro, que na verdade faz menção a uma pessoa irritada ou estressada (Dicionário Cambridge). Desse modo, o diálogo cujos homens estavam protagonizando e se entendendo perfeitamente na verdade era:

- Aquela era a minha mulher, cara, e você estava copiando o meu gosto e cerrando os dentes!
- Não pule irritado em mim.

Portanto, torna-se nítida a crítica de Kelley aos beatniks e a sua utilização de expressões que de certa maneira são vistas de formas vergonhosas pela comunidade negra, que já utiliza e aperfeiçoa esse recurso há séculos. É evidente também a utilização desse artifício por intermédio da colocação da palavra *woke*, cujo sentido premeditado não é exatamente o sentido literal da palavra: Se você acordou você entendeu; Não se pode esperar que nenhum Mickey Mouse siga o idioma negro de hoje sem uma ajuda de quadril. Ele ainda refere-se ao Mickey Mouse de maneira crítica se referindo à cultura da branquitude e do simbolismo capitalista, reforçando novamente a sua crítica acerca da tentativa de brancos de replicarem costumes originalmente pertencentes aos negros.

Alguns negros guardam a expressão idiomática com tanto fervor que inventam conscientemente um novo termo assim que ouvem o existente vindo da boca de um branco. A linguagem não é formalizada. Varia de ano para ano, de dia para dia, de cidade para cidade, de grupo para grupo, de indivíduo para indivíduo. Não é apenas uma linguagem de vocabulário, mas também de contexto e flexão. [...] O significado depende de com quem e

⁶ Autor de dicionários; dicionarista (Dicionário Michaelis)

sobre o que a pessoa está falando ou sobre o que ela está falando. (Kelley, 1962)⁷

1.2 INFLUÊNCIA DAS FORMAS DE SE COMUNICAR

Conforme Melvin Kelley descreve no seu artigo de opinião, a maneira em que as pessoas se comunicavam era um fator de suma importância para a representação de pessoas que reconheciam e se identificavam com aquele linguajar. Seguindo de acordo com o que ele diz, a própria charge evidencia a oralidade como um meio de expressar essas diferenças culturais, e que seguindo a lógica de uma metalinguagem, o próprio jornal está servindo como meio de propagação de informações que inicialmente são compreendidas apenas pelo público negro.

Em 1962, os meios de comunicação eram representados pelos meios impressos – jornais e revistas, principalmente – e os meios analógicos – televisão e rádio. Os computadores, apesar de já existirem, enfrentavam uma série de alterações e aperfeiçoamentos que foram lapidados ao longo da sua evolução.

Porém, avaliando por um viés atual, é incontestável a importância das diversas formas de se comunicar na propagação de informações. A evolução simultânea e cooperativa entre globalização e tecnologia possibilitaram o acesso a experiências cada vez mais inovadoras, possibilitando que pessoas de diferentes polos do mundo participem da mesma dinâmica.

Além dos avanços tecnológicos, na área de transportes, novas formas de comunicação, como a Internet, as transmissões via satélite e os celulares, também teriam reduzido a relação tempo-espço. Scholte menciona como exemplos de superação das barreiras territoriais à comunicação e informação entre as pessoas, as transmissões de eventos esportivos em tempo real, como a copa do mundo e as olimpíadas; as redes de televisão transnacionais, como a CNN e a Al Jazeera, e a internet. (Niemeyer, 2006, p. 21)

A partir da evolução e consolidação dos meios digitais, um enorme aliado ao homem foi tornando-se cada vez mais palpável: o aparelho celular. De acordo com a ONU (Organização das Nações Unidas), em 2023 mais de três quartos da população mundial tem posse de um celular. Partindo desse ponto, é inegável que integramos a sociedade em rede no seu modo mais literal, em que todos estamos conectados e cujo foco está no compartilhamento e absorção de informações. As redes sociais são um exemplo dessa

⁷ A few Negroes guard the idiom so fervently they will consciously invent a new term as soon as they hear the existing one coming from a white's lips. The language is not formalized. It varies from year to year, day to day, city to city, group to group, individual to individual. It is not only a language of vocabulary, but of context and inflection. [...] What it means depends on who and what a person is talking to or about. (Kelley, 1962)

alteração na forma de se comunicar, visto que, a comparação entre o uso do "woke" descrito por Kelley já se encontra deturpado na atualidade.

Sendo assim, a concepção de Castells de que, no novo sistema midiático a mensagem é o meio e que as características da mensagem moldam as características do meio fomenta essa análise acerca dos fatores que moldaram a Cultura Woke ao longo dos anos. Portanto, é preciso observar em qual momento o X e o *woke* transformaram um ao outro, desde o momento em que foram introduzidos, perpassam pela amplificação da conscientização de preconceito sobre minorias e chegaram no seu modo atual, cuja luta por direitos é vista de maneira saturada.

2 DAS RUAS PARA AS REDES

Como supracitado, a união da evolução das redes com a compartilhamento de ideais através da globalização possibilita uma gama de variáveis quando se trata de comunicação. Apesar de Kelley expor o uso do termo "woke" como um código entre afro-americanos, não apenas o seu significado, como também os seus ideais de percepção acerca de injustiças cometidas contra minorias passaram a fazer parte do grande fluxo de informações que permeia as redes sociais.

Sendo assim, a introdução da batalha contra injúrias raciais nas redes sociais torna-se cada vez mais presente por intermédio de uma série de eventos que infelizmente conta com crimes cometidos contra pessoas negras pelo simples fato de serem negras. Demarcado por tragédias presenciais, é de suma importância compreender de que modo se deu o início do *great awakening* no X.

2.1 CASO MICHAEL BROWN

No ano de 2014, o choque tomou conta da cidade de Ferguson, nos Estados Unidos. Uma característica que é importante frisar sobre Ferguson é que se trata de uma cidade em que cerca de 70% da população é negra, mas as autoridades políticas e policiais são compostas majoritariamente por pessoas brancas, de acordo com o G1. Tendo a ciência dessa informação, os moradores se depararam com a morte a tiros do estudante negro Michael Brown, ocasionada por Darren Wilson, policial municipal responsável pelo crime no dia 9 de agosto.

Uma matéria publicada pelo The New York Times intitulada "Dor e protestos seguem tiroteio contra adolescente"⁸ fornece informações sobre o ocorrido e a onda de protestos que o sucederam. Inicialmente o caso ocorreu devido a um chamado de roubo atendido pelo policial Wilson, que no caminho se depara com Brown e enquadra-o sem motivo, apenas associando-o ao crime. O que causa controvérsias em torno do assunto é exatamente o que levou o adolescente a falecer: os tiros.

A história passou por diversas versões, contendo variações que contam que Brown possuía outra arma para revidar e variações que o adolescente tentou pegar a própria arma do policial para atacá-lo e ainda proferiu ameaças contra a sua pessoa e a sua família, história que favorece o ponto de vista de que o policial agiu em legítima defesa. Porém, autoridades e

⁸ "Grief and Protests Follow Shooting of a Teenager"

grupos de defesa solicitaram uma investigação profunda que reconheceu que Michael estava desarmado.

Em uma matéria do *Século News*, são mostradas imagens de passeatas pacíficas um ano após o ocorrido (2015) lideradas pelo pai de Brown, que também se chama Michael, nelas podemos observar as pessoas falando em coro "hands up, don't shoot", cuja tradução é "mãos ao alto, não atire". São imagens emocionantes cujas falas aludem à tragédia ocorrida, mas o que fomentou a continuidade da onda de protestos mesmo que um ano já tivesse se passado foi devido à decisão do tribunal de não processar o policial responsável pelo assassinato, em novembro de 2014.

Retomando a matéria do *The New York Times*, as autoras trazem à tona um acontecimento de suma importância para esta monografia: a publicação de imagens no Twitter. "Em resposta, alguns usuários do Twitter postaram fotos dos cães no encontro de Ferguson no sábado, ao lado de fotos de cães policiais usados para controlar multidões afro-americanas durante a Era Jim Crow" (2014).

Para que seja atingida a verdadeira seriedade da repreensão policial contra os protestantes de Brown ser comparada aos cães policiais da Era Jim Crow, é preciso compreender quem foi Crow e o que ocorreu nos Estados Unidos que demarcou o que chamamos de Era Jim Crow.

2.1.1 JIM CROW

Apesar de parecer apenas um nome inofensivo, nos EUA a sua utilização é bastante característica. De acordo com a Khan Academy, o termo Jim Crow surgiu entre o início e meados do século XIX para referir-se a um personagem teatral caracterizado por um homem branco praticando *blackface*⁹ e com trejeitos exagerados, cujo objetivo era ridicularizar e depreciar pessoas negras. Além disso, a satirização já localiza-se no próprio nome, tendo em vista que *crow* significa corvo, pássaro em que a principal característica é a sua coloração preta.

Figura 3 - Divulgação do Jim Crow oficial

⁹ Maquiagem escura usada por uma pessoa branca para parecer uma pessoa negra. (Dicionário Cambridge)



Fonte: National Geographic

A Ferris State University desenvolveu o Jim Crow Museum, em que, como eles definem em seu site, seu objetivo é "usar objetos da intolerância para ensinar a tolerância e promoção da justiça social." Desse modo, eles possuem um acervo de registros de animações que sofreram influência da época e idealizaram personagens que possuíam características semelhantes ao Jim Crow, seja visualmente ou nos trejeitos. Um exemplo marcante é o Metro-Goldwyn-Mayer Studios (MGM Studios), famoso pela introdução com elementos dourados e um leão rugindo no centro da tela.

O estúdio é responsável pelo desenho Tom e Jerry, conhecido mundialmente por retratar situações cômicas em torno de um gato e um rato que não falam, então os elementos primordiais para a compreensão da mensagem são os atributos visuais. Diante disso, diversos episódios possuem alertas quanto ao conteúdo apresentado, seja apologia ao tabagismo, suicídio ou até mesmo o racismo.

De acordo com o BBC, ao assistir os episódios de Tom e Jerry no serviço de streaming da Amazon, o espectador se depara com a seguinte advertência: "Os curtas de Tom e Jerry

podem retratar alguns preconceitos étnicos e raciais que já foram comuns na sociedade americana. Tais representações eram erradas naquela época e são erradas hoje." Não são todos os episódios que contém esse aviso, mas o segundo volume completo vem acompanhado dessa advertência.

Figura 4 - Cena de Tom e Jerry antes da censura



Fonte: Google

Figura 5 - Cena de Tom e Jerry antes da censura



Fonte: Google

2.1.2 ERA JIM CROW

Após a compreensão da origem na nomenclatura Jim Crow e o seu uso nos Estados Unidos, a Era Jim Crow inicia-se em 1870 e perdura até meados de 1960, em que a população negra tinha os seus direitos limitados por lei.

Práticas de violência física e moral, degradação econômica, vítimas de um sistema de justiça tendencioso, eram algumas das situações que os negros precisavam enfrentar. É nesse contexto de reformulação e reafirmação de valores que se instaura um conjunto de artifícios legais que procurou limitar o progresso e as aspirações do grupo afro-americano. Conhecidas como Leis Jim Crow, essa complexa rede de segregação tinha por fundamentação preceitos raciais que vigoraram de meados de 1880 até a segunda metade de 1960. (Nascimento, 2019, p. 105)

Inicialmente, devido ao contexto histórico estadunidense, em que a escravidão havia sido abolida há aproximadamente 15-20 anos, os negros conviviam em sociedade normalmente. Porém, devido aos fins políticos e ao racismo enraizado na população, medidas precisavam ser tomadas para que a população negra não votasse, mas para além do voto, diversos outros direitos também foram limitados.

Nessa época, era comum que fossem avistadas cenas típicas de livros de História e que parecem completamente distantes da realidade devido às Leis Jim Crow: placas que demarcavam a segregação e delimitavam quais eram os ambientes que podiam ser ocupados por "pessoas de cor" espalhados pelas ruas. Apesar da exclusão ocorrer em todo o país, essas leis vigoravam principalmente na região do Sul dos EUA, onde concentrava-se a população negra.

Figura 6 - Cartaz dizendo "Sala de espera para pessoas de cor" numa estação de ônibus



Fonte: Durham, Carolina do Norte (1940)

Em detrimento desses acontecimentos, ocorreram eventos que são lembrados e retratados até a atualidade como forma de resistência e representação da negritude. Um exemplo de figura que virou símbolo de resistência foi a costureira negra norte-americana Rosa Parks. Sua história tem como cenário um ônibus, que na época era um ambiente que reservava os assentos da frente para pessoas brancas e os do fundo para pessoas negras, e que caso não houvesse mais espaço para brancos, o motorista do ônibus instrua os negros para que cedessem seus lugares, de acordo com o BBC.

Durante um dia comum no seu cotidiano, ocorreu essa casualidade do espaço para brancos estar lotado, e foi solicitado para que ela e mais três passageiros negros cedessem seus assentos. A partir dessa recusa, o ônibus parou imediatamente e ela foi presa pela polícia local por violar as leis de segregação. Rosa Parks é apenas um exemplo dentre as inúmeras pessoas que sofreram com a vigência das Leis Jim Crow, em que o racismo ocupa não apenas o espaço social, mas torna-se permitido por lei.

2.2 GEORGE FLOYD E #BLACKLIVESMATTER

Após o assassinato de Michael Brown, a população mundial já encontrava-se alerta para tais tipos de injúrias e racismos escancarados, mas essa conscientização ainda ganhava força nas redes sociais. O impulso para isso ocorreu no dia 25 de maio de 2020, quando George Floyd é assassinado pelo policial Derek Chauvin.

A partir de uma denúncia advinda do Supermercado Cup Foods alegando que um indivíduo estaria usando uma nota falsa para tentar comprar produtos, a polícia foi acionada e compareceu ao local. Floyd, alvo da acusação, estava dentro do seu carro enquanto a polícia chegava no local e o abordava com a presença de armas, forçando-o a se levantar e afastar-se do veículo. O confronto físico tem início a partir da tentativa dos policiais de colocá-lo dentro da viatura, provocando a necessidade de George se defender contra um crime que não cometeu.

Então, tendo em vista a resistência do acusado, o policial Chauvin o fez cair no chão e deixou-o ali deitado com as mãos algemadas e pôs o joelho em seu pescoço para mobilizá-lo. Esse momento foi registrado em vídeo e é nítido o momento em que George alega estar sentindo falta de ar e implorando diversas vezes para sair dali, porém, seu pedido foi recusado. Poucos minutos se passaram até ele estar desacordado e alguns minutos depois o policial decide finalmente se retirar da posição, até que outro policial checa o pulso de Floyd e não detecta nenhuma atividade.

Figura 7 - Cena do vídeo do assassinato de George Floyd



Fonte: BBC

A comoção geral causada por essa tragédia encontra-se presente desde o espaço físico até o espaço virtual, ambiente em que a *hashtag* #BlackLivesMatter ganhou força e espaço para uma luta enfrentada constantemente. A fachada do Supermercado Cup Foods – local em que ocorreu o assassinato – é demarcada por diversas homenagens, tomando aquele triste evento como um símbolo de resistência.

Figura 8 - Fachada do Supermercado Cup Foods



Fonte: CNN

Se o assassinato de Brown já havia impulsionado os compartilhamentos de internautas indignados e com sede de justiça via Twitter, o caso de George Floyd foi o estopim para a comoção mundial acerca do ocorrido. As manifestações nas ruas tornaram-se presentes como ato de resistência, a fachada do Cup Foods é apenas um exemplo de maneira em que o espaço físico foi utilizado para expressar uma mensagem. A união entre os protestos presenciais e virtuais foi essencial para a propagação da ideia central: vidas negras importam.

Aqui o sentido a importância da vida, vem constituir pelo grito nas ruas, e pela demarcação do símbolo "#" que possibilita a reprodução da produção da discursividade "VIDAS PRETAS IMPORTAM". Assim essa discursividade pode, desloca-se em vários espaços discursivos, o da rua e o espaço virtual através da hashtag "#" que irá produzir o sentido de semelhança ao discurso "Black Lives Matter". (Souza e Pereira, 2021, p. 18)

Os compartilhamentos nas redes sociais tornavam-se cada vez mais presentes, seja compartilhando um relato, fazendo posts durante as passeatas ou apenas prestando o apoio. Diversas celebridades também compartilharam em seus perfis algumas informações sobre o que estava ocorrendo, além das que chegaram a participar efetivamente dos protestos com o objetivo de usar a sua visibilidade para um bem maior, como a cantora estadunidense Tinashe e a blogueira brasileira Camila Coelho. O reconhecimento da relevância do movimento na rede é obtido pelo próprio Twitter por intermédio da personalização da hashtag e a implementação dela na descrição.

Figura 9 - Perfil do X em apoio ao Black Lives Matter



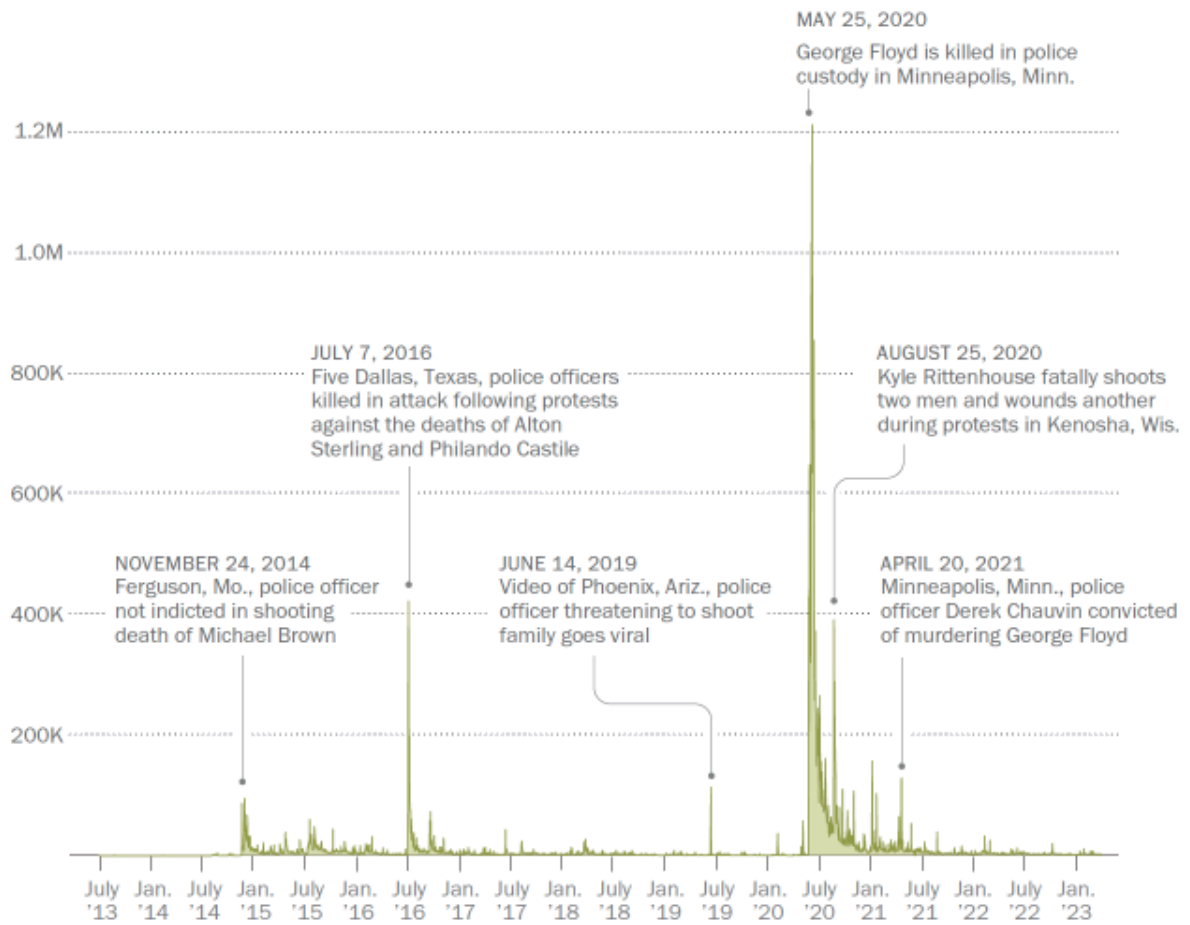
Fonte: X

A partir do gráfico desenvolvido pelo Pew Research Center, é possível analisar a frequência da atividade da tag no Twitter em um intervalo de tempo de julho de 2013 a janeiro de 2023 e concretizar a relevância do movimento. Tendo em vista os picos da sua utilização e as descrições dos eventos que contextualizaram aquela crescente, em maio de 2020 (marcado pelo assassinato de George Floyd) o número de publicações com o #BlackLivesMatter ultrapassa os 1.2M, que em comparação com os eventos anteriores, claramente destaca-se pela mobilização e pela efetiva transição do movimento para as redes sociais.

Figura 10 - Gráfico demonstrativo do uso diário da hashtag #BlackLivesMatter

Use of the #BlackLivesMatter hashtag surged following the death of George Floyd

Daily number of public Twitter posts using the #BlackLivesMatter hashtag, July 2013-March 2023



Source: Pew Research Center analysis of publicly available tweets from July 2013 through March 2023. Data collected March 1-May 12, 2023, using Twitter API.
 “#BlackLivesMatter Turns 10”

Fonte: Pew Research Center

3 IMPACTOS A LONGO PRAZO

Trazida para a mídia por intermédio do artigo de opinião de Kelley (1962) e alcançando o seu ápice durante os protestos do #BlackLivesMatter (2020), a Cultura Woke atualmente (2025) assume um papel em que ao ser citada, pode ser compreendida de três maneiras: uma ofensa para uma pessoa ou grupo, como uma militância exacerbada (*too woke*) ou como uma defesa das injustiças contra minorias.

A configuração das atuais aplicações do termo é produto da união de uma série de fatores comunicacionais que geram tais efeitos nos usuários do X, tornando necessária uma análise acerca desses fatores em prol da compreensão da resignificação do que entende-se como *woke* entre os internautas da plataforma.

3.1 DISCURSO E IMPACTOS COMUNICACIONAIS

Para compreender a maneira em que o discurso woke é construído no X, é necessário entender como as interações ocorrem nesse espaço. Os usuários podem realizar postagens em forma de texto ou vídeos e imagens acompanhados de legendas, os quais a plataforma permite que os outros usuários interajam de diferentes modos: curtindo, comentando, retweetando ou retweetando com um comentário. Essas interações podem ser visualizadas pelos outros usuários e em caso de comentários ou retweets com comentários, outras pessoas podem realizar novos comentários a partir deles, ramificando o assunto e fortalecendo discussões sobre variados assuntos em que diversas pessoas podem participar.

Ao utilizar o X de forma frequente, é possível observar as diversas maneiras em que a cultura woke se manifesta (sejam elas positivas ou negativas) e as reações e réplicas dos demais usuários. Apesar de ter surgido nas redes sociais advinda de protestos e repressões sofridos no espaço físico, o movimento sofreu transformações e distorções que ocasionaram a sua resignificação, em que usuários partilham posts com algumas conotações que comprovam como o wokismo é captado atualmente pelo receptor. Essas alterações podem ser percebidas em tweets que torcem pelo seu fim (Figura 11), que usam o *too woke* para justificar algum juízo de valor que pode ser recebido negativamente justamente pelo seu caráter de "militância" (Figura 12) ou até mesmo para demonstrar a indignação com o rumo levado pelo movimento (Figura 13).

Figura 11 - Publicação "The woke era is over."



Fonte: X

A publicação compara as campanhas publicitárias da Calvin Klein em 2023 e da American Eagle em 2025. A aplicação do "The woke era is over" é advinda do que é mostrado pelas imagens: em 2023 uma campanha que valoriza a diversidade dos corpos e em 2025 a protagonização de uma mulher branca, loira e magra. Esse tweet é um exemplo da concepção negativa acerca do que entende-se como wokismo, utilizando-o de maneira pejorativa e comemorando a volta da imagem que reforça os estereótipos estéticos.

Figura 12 - Publicação com crítica considerada woke



Fonte: X

Partindo do viés do woke como algo exagerado, o usuário cita o *too woke* para defender uma ideia que deveria ser erradicada mas que na mídia é comum encontrar de diversas formas: a adultização de crianças. A publicação mostra a North West acompanhada de sua mãe Kim Kardashian ao serem fotografadas por paparazzis, e o retweet com comentário critica as vestimentas utilizadas por uma jovem de 12 anos que não são condizentes com a sua idade. A utilização do *too woke* como espécie de pretexto evidencia a concepção do *woke* como uma militância exagerada, mesmo que em pautas socialmente necessárias.

Figura 13 - Publicação sobre gentrificação do *woke*



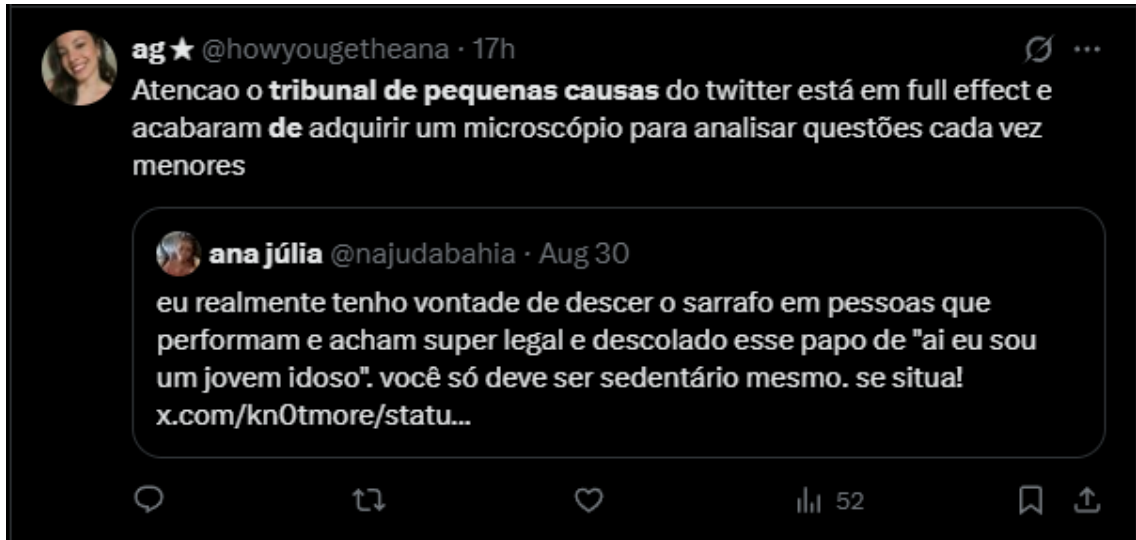
Fonte: X

O tweet realizado por uma mulher negra retrata a sua indignação ao afirmar que "realmente odeia a maneira que pessoas brancas gentrificaram o *woke*". Apesar de ser um termo utilizado para classificar alterações de espaços físicos, é possível compreender a analogia utilizada pela mulher ao entender a conceituação de gentrificação.

Após a Segunda Guerra Mundial, os impactos causados na Inglaterra exigiam que medidas fossem tomadas pelo governo para a reestruturação urbana, as quais foram observadas e analisadas pela socióloga britânica Ruth Glass. De acordo com Gregório e Teixeira, na busca de reduzir os contrastes entre ricos e pobres, inversamente, os bairros da classe trabalhadora foram invadidos pelas classes mais altas (2024, p.3) e assim, o valor agregado às construções anteriormente destinadas a pessoas com menores condições passou a aumentar, tornando aquelas áreas apropriadas pela classe alta.

Ao compreender o que Glass afirma com "uma vez que o processo de ‘gentrificação’ inicia em um bairro, ele prossegue rapidamente até que todos ou a maioria dos ocupantes originais da classe trabalhadora sejam deslocados e todo o caráter social do bairro seja alterado" (1964, p. 18-19), depreende-se que o posicionamento da usuária é semelhante ao de Kelley, autor do artigo de opinião que cita o *woke* pela primeira vez na mídia. Ele observou e criticou a tentativa dos brancos de fazerem algo que a população negra já fazia há tempos: a adaptação e ressignificação de palavras para comunicarem-se entre si. Porém, com os brancos acontecia de maneira falha e não atingia o objetivo desejado, análogo ao que a usuária critica com a gentrificação do wokismo.

Figura 14 - Publicação sobre tribunal de pequenas causas



Fonte: X

Apesar da publicação da Figura 12 fazer o recorte da raça, a Figura 13 evidencia o verdadeiro problema ocasionado pela apropriação geral do conceito *woke*: a generalização das "pequenas causas" (advinda do usuário que está apontando os jovens como sedentários), fazendo com que tópicos que não assumem um papel de importância social sejam abordados de maneira crítica e impositiva, gerando uma repulsa nos usuários que entram em contato com esse tipo de mensagem e reajam como ocorre na Figura 13.

O uso desmedido do wokismo, seja ele sendo citado ou apenas subentendido, levou a distorção do termo para a aversão que é compreendida na atualidade: uso pejorativo e militância exagerada. Evidenciam-se os impactos comunicacionais nos usuários a partir da maneira em que foram construídos e disseminados os discursos que abordam assuntos – cuja importância é relativa – de maneira impositiva e imutável, impactando de diferentes maneiras nos receptores dessas mensagens.

4 METODOLOGIA

A partir da análise dos fatos históricos anteriores à popularização da Cultura Woke e a observação do seu atual efeito nas redes sociais, é fomentada a necessidade de compreender a relação e a influência que o discurso realizado no X - seja por apoiadores ou difamadores - tem no público que entra em contato com tal conteúdo.

Para uma melhor compreensão de como o processo da ressignificação ocorreu e ainda é perpetuado no X, foi realizada uma análise de discurso baseada em princípios do linguista britânico Norman Fairclough a partir dos dados coletados em pesquisa qualitativa, composta por entrevistas realizadas com usuários frequentes da rede e que estiveram presentes tanto em 2020, na ascensão da Cultura Woke, quanto após as mudanças ocorridas.

4.1 ANÁLISE DE DISCURSO (TEORIA)

Para efetivamente buscar uma conclusão acerca dos fatos e compreender o processo de ressignificação da Cultura Woke no X, a experiência daqueles que utilizam a rede e entram em frequente contato com as informações fornecidas naquele meio é de suma importância. Tendo em vista a necessidade de analisar essa experiência descrita pelo usuário, a Análise Crítica do Discurso de Norman Fairclough foi o eixo para que pudessem ser formuladas as perguntas realizadas para os entrevistados e analisadas as suas respectivas respostas, de modo que ao finalizar, pudessem ser observadas de maneira geral, assim, chegando a um desfecho para o principal questionamento: quando e como *woke* virou algo ofensivo?

Em "Discurso e Mudança Social", Fairclough descreve o processo de análise dividido em dois tópicos: os dados e a análise, que podem variar de acordo com o objetivo do analista. Os subtópicos da categoria de dados implica na definição do corpus (textos ou dados selecionados para a análise), na ampliação desse corpus (pode ser realizada por intermédio de entrevistas) e na codificação e seleção de amostras no corpus, em que a inconsistências e problemáticas devem ser localizadas e utilizadas na próxima fase. Para um melhor entendimento acerca de como ocorre a seleção das amostras, o letrista descreve esse processo determinando que "[...] há momentos no discurso onde há evidências de que as coisas estão caminhando de maneira errada." (p. 281, 2001).

Em sequência, é colocada em prática a segunda fase: a análise. Esta, conta com subtópicos selecionados para a temática, que possibilitem extrair informações alinhadas às lacunas da problemática, pautado nas seguintes classes:

- Discurso como prática social: ideologia e hegemonia

Fator ligado principalmente à ideologia e como a sua manifestação é capaz de moldar o discurso, conseqüentemente afetando a recepção, podendo ser tanto negativa quanto positiva. É complementado pelo conceito da hegemonia, visto que há uma disputa entre ideologias e que as ideias predominantes entre grupos opostos são manifestadas de modo a caracterizar não apenas o produtor da mensagem, mas que também impacta no receptor.

[...] a ideologia está localizada tanto nas estruturas (isto é, ordens de discurso) que constituem o resultado de eventos passados como nas condições para os eventos atuais e nos próprios eventos quando reproduzem e transformam as estruturas condicionadoras. (Fairclough, 2001, p. 119)

- Cadeias intertextuais

Abrange as transmutações que ocorrem em um texto a partir de diferentes fatores, como o contexto em que ele é inserido, a influência que ele sofreu desse contexto e a maneira que ele tornará a se propagar, podendo influenciar outros discursos. É de suma importância tanto a observação da cadeia como um todo quanto dos componentes que determinam um resultado, como a ressignificação de um discurso.

Ou seja, partindo do conceito de Fairclough, “[...] os diferentes tipos de textos variam radicalmente quanto ao tipo de redes de distribuição e cadeias intertextuais em que eles entram, e, portanto, quanto aos tipos de transformação que eles sofrem.” (2001, p. 167)

- Significado das palavras

No que tange à questão do significado das palavras, é a compreensão da composição estrutural e semântica utilizada para transmitir uma mensagem. A estrutura do discurso e o sentido atribuído à escolha das palavras revelam a intenção do autor na utilização de determinados termos e sentenças, podendo ocasionar situações como Kelley descreveu no artigo de opinião "If you're woke, you dig it", em que palavras assumem um significado destoante do original, mas que mesmo assim são compreendidas pelo público em que aquela mensagem é destinada.

[...] como produtores estamos diante de escolhas sobre como usar uma palavra e como expressar um significado por meio de palavras, e como

intérpretes sempre nos confrontamos com decisões sobre como interpretar as escolhas que os produtores fizeram [...] (Fairclough, 2001, p. 230)

Portanto, os pontos centrais para analisar os discursos que ocasionaram a ressignificação da Cultura Woke no X estão ligados à forma que a mensagem é disseminada na rede, especificamente na sua estrutura e conteúdo subjetivo, influenciando positivamente ou negativamente àqueles que têm esse acesso a eles.

4.2 COLETA DE DADOS

Para a compreensão do viés do usuário inserido no X e como a experiência naquele determinado ambiente (considerando fatores como algoritmo e interações realizadas) influencia na percepção da temática, a entrevista em profundidade é o contato utilizado para reconhecer padrões tanto individuais quanto em grupo, de modo que contribuam para a formação do corpus do discurso que foi analisado posteriormente.

O método da entrevista em profundidade semi-estruturada consiste na preparação de um roteiro que guie o curso da conversa, buscando obter informações de maneira clara e imparcial. Para a obtenção de respostas, o foco principal é a vivência individual dos entrevistados, partindo de problemáticas como a percepção acerca de determinado assunto ou até mesmo uma mudança devido a influências discursivas.

A entrevista é uma conversa que pode ser mais ou menos sistemática, cujo objetivo é obter, recuperar e registrar as experiências de vida guardadas na memória das pessoas. O entrevistador tem um papel ativo na busca de lembranças e reflexões, mas isso deve ser feito sem que haja uma indução em busca da resposta que se quer ouvir. (Lima, 2016, p. 26)

Para obter as informações necessárias para uma análise efetiva, a entrevista semi-estruturada segue o seguinte roteiro inicial para a condução da conversa:

- Iniciam-se as entrevistas a partir de uma introdução que situa o entrevistado sobre o que deseja-se das suas respostas e como seguirá o fluxo das perguntas através de um texto padrão: "Essa é uma entrevista semi-estruturada, então apesar do roteiro das perguntas já estar formulado, poderão ser feitas mais perguntas caso haja necessidade. Para responder aos questionamentos, é primordial que seja priorizada transparência e sinceridade como usuário da plataforma para fortalecer a análise. Agradeço a participação e vamos iniciar a entrevista."

- Em seguida, são realizados os questionamentos primordiais – aqueles que estarão presentes em todas as entrevistas, independentemente de ramificações e perguntas adicionais – que visam extrair de maneira precisa as respostas necessárias para analisá-las de acordo com as classes esclarecidas por Fairclough (Discurso como prática social, Cadeias intertextuais e Significado das palavras), são elas:
 1. Você conheceu a cultura woke por intermédio do X? Se sim, qual foi a conotação que era atribuída a ela?
 2. Quando você fala sobre o movimento woke ou denomina alguém como woke, qual sentido você atribui?
 3. Ao presenciar o auge da transição do Black Lives Matter das ruas pro Twitter, você acha que a inserção de pautas sociais na rede social foi um marco influente na experiência dos usuários, seja de maneira positiva ou negativa? E se sim, por quê?
 4. Considerando o contexto atual geral do X, qual o conceito acerca da cultura woke você considera predominante?
 5. Você acredita que o conteúdo sobre cultura woke presente no X influenciou seu ponto de vista? Se sim, de que maneira?

Partindo das respostas obtidas nas entrevistas, visa-se realizar a Análise Crítica do Discurso de Norman Fairclough afinada em classes que possuem grande relevância na pauta abordada e relacionam-se de maneira coesa com o contexto histórico, político, ideológico e social do movimento *woke* e a sua relação direta com os usuários que passaram a conhecê-la por meio do X.

4.3 ANÁLISE DE DISCURSO (PRÁTICA)

Formulados os questionamentos e alinhados os objetivos desejados com a entrevista e com a análise, o primeiro passo é a realização das entrevistas. O questionário foi aplicado para 8 pessoas e para a escolha dos entrevistados, os indivíduos deveriam estar de acordo com os seguintes critérios:

- Utilizar o Twitter/X há pelo menos 5 anos (estando presente no auge do #BlackLivesMatter em 2020)
- Ter o Ensino Médio completo

- Ter mais de 18 anos

Considerando que "É importante lembrar que a fala do entrevistado representa uma autodescrição e uma apresentação de si mesmo" (Lima, 2016, p. 26), para além dos critérios principais, questões pessoais ligadas ao posicionamento acerca de pautas sociais podem ser observadas no Apêndice A ao H. Por mais que não estejam em primeiro plano, são pontos importantes para que seja analisada também a variedade de ideologias e se em algum ponto, no que tange à resignificação do *woke*, elas formam uma interseção.

- **Pergunta 1:** Você conheceu a cultura woke por intermédio do X? Se sim, qual foi a conotação que era atribuída a ela?

Dentre os 8 indivíduos, 4 têm certeza que conheceram por intermédio do X, 1 pessoa conheceu por amigos, 1 pessoa através do Instagram e 2 pessoas não lembram onde conheceram. Apesar das diferentes formas de serem apresentados à Cultura Woke, todos se aprofundaram sobre ela no X. Em meio a 7 pessoas que já a conheceram com a conotação negativa, o indivíduo que teve suas primeiras impressões pelo Instagram foi o único que se deparou com uma conotação positiva.

Discurso como prática social: Dos 8 participantes, 7 citaram os contextos nos quais foram introduzidos ao termo *woke*. Partindo do viés ideológico, 6 entrevistados afirmaram que a utilização comum era para se referir a alguém muito ativista, muito militante e que se opunham ao pensamento conservador. Em contrapartida, apenas 1 indivíduo a conheceu como algo que daria visibilidade a minorias.

Cadeias intertextuais: Analisando o contexto em que as pessoas foram apresentadas ao wokismo, considerando que todos aprofundaram os seus conhecimentos sobre o assunto no X, apenas o indivíduo que o conheceu pelo Instagram obteve uma impressão positiva. Os demais, já conheceram como um termo depreciativo.

Significado das palavras: Com exceção do indivíduo que obteve o conhecimento da Cultura Woke ainda no seu significado original, os demais que aprofundaram o conhecimento apenas por intermédio no X já se depararam com a utilização do termo como uma ofensa a determinadas pessoas e grupos.

- **Pergunta 2:** Quando você fala sobre o movimento woke ou denomina alguém como woke, qual sentido você atribui?

Para utilizar o termo woke cotidianamente, 5 indivíduos afirmaram que o reproduzem com a conotação pejorativa (sendo 1 dessas pessoas a que conheceu por intermédio do Instagram como algo positivo). 2 pessoas atribuem o sentido positivo original destinado ao *woke*. Apenas um indivíduo faz associação direta a um determinado partido político.

Discurso como prática social: A conotação negativa que as 5 pessoas reproduzem é com relação à impressão de um ativismo e militância extrapoladas, enquanto as outras 2 que reforçam o sentido original consideram que pessoas woke são aquelas que fazem parte de minorias e abraçam essas causas. O indivíduo que faz associação política relaciona o wokismo a pessoas de esquerda.

Cadeias intertextuais: É possível observar a formação de uma corrente intertextual à medida que o sentido deturpado é propagado e reproduzido pela maioria dos entrevistados, enquanto uma parcela menor ainda resiste ao sentido original. O único indivíduo que informou a alusão direta à política afirma que associação se dá devido ao fato de que ele sempre vê pessoas de direita chamando pessoas de esquerda de woke com o sentido de minimizá-las e ofendê-las.

Significado das palavras: Para a maioria o woke prevalece sendo algo negativo, enquanto uma minoria resiste à conotação de origem e utiliza para referir-se a alguém de maneira positiva.

- **Pergunta 3:** Ao presenciar o auge da transição do Black Lives Matter das ruas pro Twitter, você acha que a inserção de pautas sociais na rede social foi um marco influente na experiência dos usuários, seja de maneira positiva ou negativa? E se sim, por quê?

Por unanimidade, as 8 pessoas consideraram a inserção de pautas sociais no Twitter um marco na experiência do usuário. 5 pessoas consideram essa inserção um impacto positivo, visto que, é uma rede utilizada para dar visibilidade para esses assuntos, para debates entre pessoas e fortalece o fluxo de informações. Já as outras 3, consideram que foi um

impacto negativo, devido à abordagem das pautas e a imagem relacionada ao ativismo e militância exacerbados.

Discurso como prática social: O impacto positivo para as 5 pessoas que sinalizaram essa importância traz à tona a relevância de um ambiente disponível para debates e que ampliam o acesso a esses debates e às informações fornecidas. Já aos que atribuem como algo negativo, têm forte ligação a pessoas que estão ali presentes não apenas para repassar informações sobre os assuntos, mas para efetivamente lutarem pelas suas causas.

Cadeias intertextuais: A dinâmica do X como aplicativo mostra-se eficiente devido às citações dos entrevistados com relação aos posts que viralizam e ao levantamento de tags. A inserção de pautas sociais em uma rede com essa estrutura mostra-se eficiente a partir da unanimidade entre os participantes acerca dos impactos ocasionados.

Significado das palavras: Partindo do que denominam-se "pautas sociais", ainda existe uma divisão entre os 5 entrevistados que consideram como algo positivo e relevante e os outros 3 que já associam ao discurso excessivamente militante.

- **Pergunta 4:** Considerando o contexto atual geral do X, qual o conceito acerca da cultura woke você considera predominante?

Das 8 pessoas, apenas uma ainda considera a conotação positiva predominante, enquanto as outras 7 informam que o conceito negativo é majoritário.

Discurso como prática social: A pergunta que faz alusão ao constante conflito hegemônico presente na rede entre aqueles que utilizam o *woke* como algo positivo e aqueles que usam como negativo, e como resposta a partir das considerações dos participantes, a dominância é negativa, além disso, ainda são acompanhados de comentários dizendo utiliza-se do termo para fazer piadas, normalmente da direita zombando da esquerda.

Cadeias intertextuais: Pelas falas dos entrevistados, é possível analisar que mesmo nos diferentes contextos em que o wokismo vem à tona, ainda predomina-se a conotação negativa. São citadas situações como discussões acerca de mídias como filmes e jogos, discussões

políticas, e inclusive uma crítica que denomina o X como uma rede social que dissemina muito ódio.

Significado das palavras: Devido à disseminação do woke como algo negativo, as impressões obtidas tornam-se majoritariamente negativas também. Para enfatizar essa situação como algo bastante presente no X, um dos entrevistados afirmou que nunca sequer entrou em contato com o termo sendo utilizado de maneira positiva.

- **Pergunta 5:** Você acredita que o conteúdo sobre cultura woke presente no X influenciou seu ponto de vista? Se sim, de que maneira?

3 das pessoas que atribuem ao woke uma conotação negativa acreditam que foram influenciadas pelo conteúdo mostrado a elas no Twitter, em contrapartida, as outras 5 foram influenciadas positivamente de forma a sentirem-se desconfortáveis com o discurso daqueles que deturpam e zombam da cultura woke.

Discurso como prática social: Entre os entrevistados, uma das pessoas que afirma ter sido influenciada de maneira negativa e outras 4 que foram influenciadas de maneira positiva trouxeram à tona o tópico das questões morais. De modo que as pessoas entram na rede social com a predisposição de concordar ou negar com as informações de acordo com os seus valores morais, e não necessariamente seria uma influência direta do conteúdo.

Cadeias intertextuais: As diferentes reações geradas pelo conteúdo relacionado ao woke presente no X dos entrevistados demonstra uma dualidade entre: a imagem de que o ativismo fortalece o discurso anti-woke e a disseminação negativa do wokismo provocando a repulsa e fortalecendo o desejo de permanecer-se woke.

Significado das palavras: As diferentes influências e impactos gerados – sejam eles negativos ou positivos – estão relacionados à forma como as informações são propagadas e como aquele discurso é construído, seja um discurso de ódio extremo, ou de ativismo extremo.

5 DISCUSSÃO

Retomando as questões que nortearam essa pesquisa, quais sejam: o que houve com a cultura *woke* desde o #BlackLivesMatter? Quando *woke* virou algo ofensivo? E para compreender o que houve com o *woke* desde o #BLM, é necessário entender que o movimento continua voltado para a defesa de pautas sociais – mas atualmente focado em minorias e comunidades vulneráveis – porém, um detalhe crucial para a ascensão do #VidasNegrasImportam no X é o fato de que aborda um tema cuja relevância é reconhecida fora das redes. Assim como o racismo, pautas que já são reconhecidas pela população como um problema efetivo possuem maior adesão ao movimento com relação àquelas que surgem no X com o objetivo de tornar-se relevante no mundo externo, ocasionando um afastamento daqueles que não consideram algo válido ou importante e conseqüentemente a estereotipização do *woke*.

O movimento #MeToo é um exemplo de mobilização que ocorreu de maneira positiva e com aceitação dos usuários. A *hashtag* propagou-se em 2017 devido às acusações de assédio da atriz Alyssa Milano contra o produtor hollywoodiano Harvey Weinstein, e a proposta de Alyssa era que mulheres utilizassem a tag para compartilhar e denunciar situações de assédio ou agressão. De acordo com a BBC, pelo menos meio milhão de mulheres enviaram suas respostas nas primeiras 24 horas, além da iniciativa também ter colaborado com a fundação da ONG Me Too Brasil, que já atendeu mais de 300 vítimas e ofertou o suporte necessário para a superação e busca pela justiça.

Já seguindo o caminho oposto e com reações controversas do público, a pauta da linguagem neutra, além de ser um exemplo de luta cujos resultados são majoritariamente negativos, trata-se também de um assunto que não é considerado proporcionalmente relevante dentro e fora do X. Assim, caracterizando essa luta pelo processo de transicionar para o uso no cotidiano da população uma pauta desnecessária com relação a outras mais importantes.

Em uma matéria da Universidade Federal de Santa Maria, a professora do Departamento de Letras Estrangeiras Modernas Eliana Rosa afirma que os pronomes neutros são "Categorias gramaticais. Quando tratamos do tema da marca de gêneros não binários na linguagem, estamos, antes de tudo, tratando de uma questão relativa à linguagem inclusiva". De acordo com a pesquisa realizada pelo jornal O Liberal, mais de 50% dos participantes são contra a variação e mais de 55% acreditam que prejudica a Língua Portuguesa, fortalecendo a questão de que não trata-se de um movimento que conquistou a adesão do público. Um exemplo prático que demonstra a reação do público fora do X foi a publicação de uma

imagem no perfil do cantor Djavan que divulgava "ultimes entrades" que significa "últimas entradas" em catalão, já que o show seria realizado em Barcelona. Porém, ao visualizar o post, os internautas associaram os termos à linguagem neutra e fizeram diversos comentários descredibilizando o cantor e a linguagem, como por exemplo: "Esse pessoal usa essa linguagem ridícula para aparecer. Toma vergonha Djavan!" e "Poderias traduzir o que seria ÚLTIMES ENTRADES? Não achei essas palavras no PRIMO AURÉLIO", de acordo com o G1.

Figura 14 - Post de "Últimes entrades" do Djavan



fonte: Instagram

Sendo assim, é possível compreender que o #MeToo conseguiu mobilizar os usuários e fazer com que participassem e propagassem o propósito do movimento, diferenciando-se do pronome neutro que foi uma pauta negada pelo público e cujas estratégias comunicativas para persuadir a população a utilizá-los foram falhas e conseqüentemente geraram uma imagem ruim e frequentemente atribuída ao que chamam de "woke" de modo pejorativo, essa repulsa

pode levar a equívocos semelhantes ao ocorrido com o cantor Djavan devido ao preconceito com a pauta e ao pré-conceito de deparar-se com algo semelhante e já admitir que faz parte do que consideram uma militância exacerbada.

Partindo para o segundo questionamento, a contextualização supracitada acerca da relevância de pautas dentro e fora do X e os movimentos descritos são de suma importância para compreender os fatores que colaboraram para o *woke* virar algo ofensivo. A união entre as pautas cuja trajetória inicial ocorre ou é potencializada na internet acerca de questões consideradas irrelevantes do lado de fora do X e de uma linguagem que deixa de ser convidativa (#MeToo e #BLM) e torna-se impositiva, também provoca a diminuição da adesão ao movimento e provoca o sentimento de revolta entre aqueles que já não se consideravam alinhados ao wokismo. A inserção de pautas sociais no Twitter também abriu caminho para o surgimento de pautas nele, porém, devido à questão da banalização das discussões, as consequências geradas comprometem a credibilidade dos assuntos abordados e informações compartilhadas na rede, como por exemplo o apelido dado pelos próprios usuários para se referir ao X: o tribunal de minúsculas causas.

A partir de algumas respostas obtidas nas entrevistas, é possível observar indivíduos que já não tiveram contato com a cultura woke de maneira positiva e que ao abordar o assunto, diversas vezes as pautas e discussões são tratadas com desdém. Além do conteúdo, também é necessário ressaltar a importância do meio em que as informações são propagadas, visto que, também através das entrevistas, apenas um usuário conheceu o woke de modo positivo: aquele que foi apresentado em outra rede social. Desse modo, é possível chegar a uma conclusão por intermédio da relação entre os padrões encontrados nas experiências relatadas pelos entrevistados e o fluxo tomado pelo wokismo, resultando na sua resignificação.

6 CONCLUSÃO

Considerando todo o contexto histórico e questões atuais que fortalecem o fato da cultura woke no X deixar de estar ligada a pessoas que defendem suas causas e estão "acordadas" para as injustiças da sociedade e passar a ser utilizada de maneira pejorativa para insinuar um ativismo excessivo, é possível notar que este processo ocorre devido a união de três fatores: a relevância das pautas, a comunicação utilizada e o meio em que a informação é propagada.

- **Relevância das pautas:** caracterizam-se como pautas relevantes no X aquelas que são palpáveis, que são compreendidas pelo público efetivamente como problemas e que deve ocorrer uma mobilização para que sejam discutidas;
- **Comunicação utilizada:** é de suma importância a composição de falas utilizada para comunicar a problemática e atrair pessoas para que o movimento seja engajado, ou seja, quando o problema é comunicado convidando pacificamente as pessoas a participarem e mobilizarem-se, o efeito é mais efetivo em relação a medidas impositivas e obrigatórias;
- **Meio propagado:** a partir do determinado momento em que o X passou a ser palco de discussões acerca de questões sociais, também esteve suscetível ao excesso de militâncias, a ponto de serem postas à tona pautas que não são consideradas relevantes, descredibilizando não apenas os discursos propagados no X, mas também a própria rede social.

Apesar do conjunto de fatores ocorridos dentro do X que ocasionaram a resignificação do termo dentro e fora das redes sociais, é possível compreender por intermédio do contexto histórico e pautas atualmente abordadas e conduzidas da maneira correta que o *woke* ainda pode ser associado a manifestações positivas, relevantes e que causem efeitos promissores após a mobilização dos usuários, como a criação de ONG's, assim como ocorreu com o #MeToo.

Assim, é possível compreender que mesmo aqueles que se consideram alinhados às ideias *woke* tendem a filtrar as pautas do X e permanecer-se aliado às suas questões morais. Além disso, mesmo os que se consideram wokes também estão passíveis de utilizar o termo

de maneira pejorativa devido à popularização da expressão com a conotação negativa e o fato de muitas pessoas nem saberem que a palavra possui um sentido positivo. O contato direto com usuários da plataforma por intermédio das entrevistas possibilitou uma expansão de conhecimentos para saber diversos pontos de vista, seja daqueles que se consideram ou não alinhados ao wokismo. O parecer daqueles que se sentem coagidos às mensagens de ódio e tendem a sentir repulsa de estar relacionado ao woke evidencia a falha comunicativa acerca da propagação do movimento e das pautas defendidas.

Aqueles que já não se consideravam woke, conheceram o termo como algo ruim e seguem propagando dessa maneira são impulsionados pelos fatores já discutidos (pautas irrelevantes, comunicação impositiva e descredibilização do X) e pelas questões morais preexistentes que prevalecem diante deste contexto. Desse modo, é entendível que a ressignificação da cultura woke no X é fruto da combinação de uma série de fatores comunicacionais ligados desde o meio de propagação da mensagem à informação contida e a forma em que a mensagem é estruturada.

Portanto, é perceptível que a partir dos fatores que colaboraram para a ressignificação da cultura woke no X ainda é possível que sejam alteradas as medidas comunicativas para uma maior adesão dos usuários. O foco direto nas estratégias comunicativas falhas e quais são estas falhas propriamente ditas permite que a alteração na abordagem possa ser realizada de maneira efetiva baseando-se na correção destes erros e possibilitando que nem o termo woke e nem a luta por causas estejam associados a uma conotação depreciativa.

REFERÊNCIAS

BEATNIK. In: *Cambridge Dictionary*. Cambridge University Press, c2025. Disponível em: <https://dictionary.cambridge.org/>. Acesso em: 10 dez. 2025.

BBC NEWS. *Tom and Jerry cartoons carry racism warning*. BBC, 1 out. 2014. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/education-29427843>. Acesso em: 10 dez. 2025.

BBC NEWS BRASIL. *O que é o Me Too, movimento que nasceu nos EUA e catapultou denúncias de assédio sexual pelo mundo*. BBC News Brasil, 2024. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/cwyjzjvyx1go>. Acesso em: 13 out. 2024.

BBC NEWS BRASIL. *Rosa Parks: o corajoso 'não' que deu origem ao movimento pelos direitos civis nos EUA*. BBC Brasil, 30 nov. 2023. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/c5179z2v6dwo>. Acesso em: 10 dez. 2025.

BESTVATER, Samuel; GELLES-WATNICK, Risa; ODABAŞ, Meltem; ANDERSON, Monica; SMITH, Aaron. *Ten years of #BlackLivesMatter on Twitter*. Pew Research Center, 29 jun. 2023. Disponível em: <https://www.pewresearch.org/internet/2023/06/29/ten-years-of-blacklivesmatter-on-twitter/>. Acesso em: 10 dez. 2025.

BOSMAN, Julie; FITZSIMMONS, Emma G. *Police say Mike Brown was killed after struggle for gun*. The New York Times, 11 ago. 2014. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2014/08/11/us/police-say-mike-brown-was-killed-after-struggle-for-gun.html>. Acesso em: 10 dez. 2025.

CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. Tradução de Roneide Venâncio Majer. São Paulo: Paz e Terra, 2002. (A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura, v. 1).

CORDEIRO, Karen Esser. *Memórias de uma Beatnik: por um viés emancipatório*. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Faculdade Intermunicipal da Região da Andradina (FIRA), Andradina, 2017. Disponível em: <https://www.fira.edu.br/repositorio/wp-content/uploads/tainacan-items/5/2410/CORDEIRO-TCC-FIRA-HISTORIA-2017.pdf>. Acesso em: 10 dez. 2025.

FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e mudança social*. Tradução de Izabel Magalhães. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

FOX. In: *Merriam-Webster Dictionary*. Merriam-Webster, Incorporated, c2025. Disponível em: <https://www.merriam-webster.com/>. Acesso em: 10 dez. 2025.

G1. *Vigília lembra dois anos da morte de Michael Brown em Ferguson*. G1, 9 ago. 2016. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2016/08/vigilia-lembra-dois-anos-da-morte-de-michael-brown-em-ferguson.html>. Acesso em: 10 dez. 2025.

GIL, Sonsoles Madrid. *Woke culture and the history of America: From colonisation to depersonalisation*. Church, Communication and Culture, v. 8, p. 18–42, 22 mar. 2023. Taylor & Francis. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/23753234.2023.2174890>. Acesso em: 19 ago. 2025.

GLASS, Ruth. *London: Aspects of Change*. Londres: MacGibbon & Kee, 1964.

GREGÓRIO, Daniely Cristina da Silva; TEIXEIRA, Rodrigo Valente Giublin. *O processo da gentrificação sob a ótica da proteção dos direitos da personalidade*. Revista Direito UNIFACS – Debate Virtual, Salvador, v. 16, n. 1, p. 1–17, 2022. Disponível em: <https://revistas.unifacs.br/index.php/redu/article/view/9070/pdf>. Acesso em: 10 dez. 2025.

GRIT. In: *Cambridge Dictionary*. Cambridge University Press, c2025. Disponível em: <https://dictionary.cambridge.org/dictionary/english/grit>. Acesso em: 10 dez. 2025.

G1 ALAGOAS. *Djavan divulga show em catalão, mas seguidores confundem com linguagem neutra: 'últimas entradas'*. G1, 29 jun. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/al/alagoas/arquivo/noticia/2023/06/29/djavan-divulga-show-em-catalao-mas-seguidores-confundem-com-linguagem-neutra-ultimas-entrades.ghtml>. Acesso em: 10 jan. 2026.

HALL, Stuart. *Cultura e representação*. W. Oliveira & D. Miranda (Trad.); A. Ituassu (Org.). PUC-Rio; Apicuri, 2016.

JIM CROW MUSEUM. *Social Justice Challenge*. Big Rapids, MI: Ferris State University, [s.d.]. Disponível em: <https://jimcrowmuseum.ferris.edu/social.htm>. Acesso em: 10 dez. 2025.

KELLEY, William Melvin. *If You're Woke You Dig It; No mickey mouse can be expected to follow today's Negro idiom without a hip assist*. The New York Times, Estados Unidos, p. 45, 20 maio 1962. Disponível em: <https://www.nytimes.com/1962/05/20/archives/if-youre-woke-you-dig-it-no-mickey-mouse-can-be-expected-to-follow.html>. Acesso em: 19 ago. 2025.

KHAN ACADEMY. *Jim Crow*. In: South After Civil War – Humanities / US History. Disponível em: <https://www.khanacademy.org/humanities/us-history/the-gilded-age/south-after-civil-war/a/jim-crow>. Acesso em: 11 dez. 2025.

LIMA, Márcia. *O uso da entrevista na pesquisa empírica*. In: ALONSO, A. (org.). *Métodos de pesquisa em Ciências Sociais – Bloco Qualitativo*. São Paulo: SESC/CEBRAP; [S. l.], 2016.

NAÇÕES UNIDAS. *Mais de três quartos da população mundial possuem um telefone celular*. UN News, 1 dez. 2023. Disponível em: <https://news.un.org/pt/story/2023/12/1825432>. Acesso em: 10 dez. 2025.

NASCIMENTO, Carlos Alexandre da Silva. *Uma era de contradições: segregação e resistência afro-americana no período progressista, 1890–1920*. Revista Eletrônica da ANPHLAC, n. 27, p. 103–143, ago./dez. 2019.

NIEMEYER, Carolina Burle de. *Contestando a governança global: a Rede Transnacional de Movimentos Sociais Via Campesina e suas relações com a FAO e OMC*. 2006. 190 f. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

-NIK. In: *Merriam-Webster Dictionary*. Merriam-Webster, Incorporated, c2025. Disponível em: <https://www.merriam-webster.com/>. Acesso em: 10 dez. 2025.

O LIBERAL. *Mais de 50% dos internautas acreditam que a linguagem neutra prejudica a língua portuguesa.* O Liberal, 30 abr. 2023. Disponível em: <https://www.oliberal.com/para/mais-de-50-dos-internautas-acreditam-que-a-linguagem-neutra-prejudica-a-lingua-portuguesa-1.674960>. Acesso em: 18 dez. 2025.

OLIVEIRA, João Paulo; SOUZA, Sergio Ferreira. *Uma breve análise sobre o movimento “Vidas Pretas Importam”.* *Brazilian Journal of Development*, Curitiba, v. 7, n. 6, p. 58957–58978, jun. 2021. Disponível em: <https://www.brazilianjournals.com/index.php/BRJD/article/view/31378>. Acesso em: 17 dez. 2025. repositorio.ufjf.br

SALTY. In: *Cambridge Dictionary*. Cambridge University Press, c2025. Disponível em: <https://dictionary.cambridge.org/dictionary/english/salty>. Acesso em: 10 dez. 2025.

SAWICKI, Frédéric; SIMÉANT, Johanna. *Inventário da sociologia do engajamento militante: nota crítica sobre algumas tendências recentes dos trabalhos franceses.* *Sociologias*, v. 13, n. 28, p. 200–255, 2011. DOI: 10.1590/S1517-45222011000300008. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/sociologias/article/view/24523>. Acesso em: 10 dez. 2025.

SÉCULO NEWS. *Século News – Um ano da morte de Michael Brown – 10/08/2015.* YouTube, 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CZpv0SoFOvs>. Acesso em: 10 dez. 2025.

SILVA, Hadassa de Oliveira; RAVACHE, Rosana Lia. *Vantagens e desvantagens das novas tecnologias.* *Connection Line – Revista Eletrônica do Univag*, v. 24, 2021. Disponível em: <https://periodicos.univag.com.br/index.php/CONNECTIONLINE/article/view/1629>. Acesso em: 10 dez. 2025.

UFSM – UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA. *“Elu”, “amigue” e “bonite”: os termos neutros como forma de inclusão.* *Revista Arco*, 12 nov. 2021. Disponível em: <https://www.ufsm.br/midias/arco/pronome-neutro-inclusao>. Acesso em: 18 dez. 2025.

WOKE. In: *Oxford English Dictionary*. Oxford University Press; 2017 (atualização). Disponível em: <https://www.oed.com/>. Acesso em: 10 dez. 2025.

APÊNDICES

APÊNDICE A - ENTREVISTA 1

Entrevistador: Essa é uma entrevista semi-estruturada, então apesar do roteiro das perguntas já estar formulado, poderão ser feitas mais perguntas caso haja necessidade. Para responder aos questionamentos, é primordial que seja priorizada transparência e sinceridade para fortalecer a análise. Agradeço a participação e vamos iniciar a entrevista. Primeira pergunta, lembrando que eu vou falar X, mas aí você sabe que é twitter e afins, mas como atualmente a nomenclatura é X, eu estarei falando X. Você conheceu a cultura woke por intermédio do X? E se sim, qual foi a conotação que era atribuída a ela?

Entrevistado: Sim, a primeira vez que eu escutei falar disso era no Twitter e era meio que zoando, a cultura woke.

Entrevistador: Ok, só isso que você tem a dizer? Era zoando pelas pessoas protestarem demais, zoando pelas pessoas... O quê exatamente?

Entrevistado: Tanto por protestarem demais, pela causa também. Muita gente achando que era besteira. E... Twitter é só isso.

Entrevistador: Ok. Segunda: na sua percepção, quando você fala sobre o movimento woke ou denomina alguém como woke, qual sentido você atribui?

Entrevistado: Pessoa woke? Chata e... Militante. Militante chato.

Entrevistador: Terceira. Essa já é um pouco mais complexa, eu diria. Ao presenciar o auge da transição do Black Lives Matter das ruas pro Twitter, você acha que a inserção de pautas sociais na rede social foi um marco influente na experiência dos usuários, seja de maneira positiva ou negativa? E se sim, por quê?

Entrevistado: Ah, acho que foi um marco sim, mas pra mim... Para mim, de forma negativa, eu acho. No geral, eu acho que é de forma positiva. Porque era uma pauta importante, só que para mim... eu não estava muito afim. Mas eu entendo que era importante discutir isso e a rede social era o lugar mais fácil.

Entrevistador: Mas, assim, se a gente parte do ponto que não é só o Black Lives Matter que a gente está considerando, mas, assim, pautas sociais em geral, causas, você acha que impactou o Twitter de maneira boa ou negativa?

Entrevistado: Acho que no começo, tipo, tem algumas coisas que sim, mas a maioria é só encheção de linguiça e militância chata. A maioria das pautas sociais são abordadas lá. É meio que uma coisa diferente do que acontece na realidade. Na realidade é de um jeito e lá é abordado de outro. Não sei explicar.

Entrevistador: Tá. Quarta pergunta: considerando o contexto atual geral do X, qual conceito você acha que é predominante sobre a cultura woke? Quando você ouve as pessoas falando sobre isso, você acha que o que é que aparece majoritariamente?

Entrevistado: Ah, coisa de esquerda... Como assim?

Entrevistador: Não, quando você vê as pessoas falando de cultura woke, é de um jeito bom, é de um jeito ruim, a maior parte das vezes que você vê...

Entrevistado: Ah, não. Não, a maior parte das vezes é de forma pejorativa e zoando. As pessoas da cultura woke fazendo piada com a cultura woke.

Entrevistador: As pessoas da cultura woke fazendo piada com a cultura woke?

Entrevistado: Não, não. As pessoas... As pessoas fazendo piadas com as pessoas da cultura woke.

Entrevistador: Ok, ok. E por último, você acredita que o conteúdo sobre a cultura woke que aparece no X influenciou o seu ponto de vista?

Entrevistado: Ah, sim. Foi por causa disso que eu achei que era uma chatice e militância.

Entrevistador: Você acha que é pela maneira que as pessoas se expressam? Que é o conteúdo mesmo que não te interessa?

Entrevistado: Eu acho que o conteúdo não me interessa. A maneira que as pessoas se expressam é de uma forma burra, sei lá.

Entrevistador: Precisamos desenvolver um pouco essa resposta.

Entrevistado: Tá, calma. Não, calma. Acho que é mais porque não me interessa o papo. E eu acho chato.

Entrevistador: Então você acha que talvez a maneira que as pessoas se expressam não tem tanta influência? É mais uma questão pessoal sua?

Entrevistado: Tem, mas... Menos do que isso. Menos do que...

Entrevistador: Do que a sua influência pessoal.

Entrevistado: É, isso.

Entrevistador: Você acha que as pessoas, quando abordam sobre isso, as pessoas que supostamente são woke, elas estão meio que espantando as outras pessoas?

Entrevistado: É, no meu caso, sim.

Entrevistador: Entendi. Tem mais alguma consideração a fazer sobre todas as perguntas? Algum adicional, algum complemento?

Entrevistado: Olha, como eu não sou nenhum estudioso de cultura woke, eu só sei tudo pelo Twitter. Eu como não sei de nada disso, só sei das coisas que eu vejo lá, eu acho uma chatice. E é isso, muito chato. Mas talvez seja porque eu não sei de nada também, só vejo por lá. Mas eu acho chato.

APÊNDICE B - ENTREVISTA 2

Entrevistador: Essa é uma entrevista semi-estruturada, então apesar do roteiro de perguntas já estar formulado, poderão ser feitas mais perguntas caso haja necessidade. Para responder

aos questionamentos, é primordial que seja priorizada transparência e sinceridade para fortalecer a análise. Agradeço desde já a participação e iremos iniciar a entrevista, foco na transparência e sinceridade, lembrando que o foco aqui é a sua experiência como usuário no Twitter. Primeira pergunta: você conheceu a cultura woke por intermédio do X?

Entrevistado: Eu não sei, dizendo que foi a primeira vez que eu ouvi falar de cultura woke, mas eu acredito que quando eu descobri o que significava o termo, acredito que sim, acho que deve ter sido pelo X mesmo.

Entrevistador: Ok. Caso sim, que é o caso da sua resposta, qual era a conotação atribuída a ela?

Entrevistado: Em geral, era uma conotação negativa, né? Era um termo meio pejorativo, como forma de depreciar certas políticas afirmativas, gênero, defesa de algumas classes sociais, né? Sempre foi meio nessa conotação.

Entrevistador: Ok. Próxima. Na sua percepção, ao falar sobre o movimento woke ou denominar alguém como woke, qual o sentido que você atribui?

Entrevistado: Acho que é o sentido que geralmente atribui mesmo. Quando eu uso é mais de forma pejorativa. Eu nunca usei como se fosse uma pauta realmente séria. Então eu vou mais em linha com o conceito geral assim mesmo. Pelo menos o que eu observo.

Entrevistador: Pronto. Terceira pergunta. Ao presenciar o auge da transição do Black Lives Matter das ruas para o antigo Twitter, lá em 2020, você considera a inserção de pautas sociais na rede um marco influente na experiência dos usuários, seja de forma negativa ou positiva?

Entrevistado: Não, com certeza, com certeza, acho que sim. Porque eu acho que... Eu acho que marca uma transição para ver temas que são mais frequentes do que a gente observa no Twitter, né? Antes o Twitter era uma experiência um pouco mais individualizada, de você comentar temas da sua vida corriqueira, depois passa a ganhar coisas de amplitude nacional, né? As pessoas passam a comentar mais coisas que elas observam em jornais, acontecendo no dia a dia, e aí sim você passa a ter pessoas comentando em posts de outras pessoas que elas nem sequer reconhecem, e isso, de fato, tem um impacto nacional. Então, eu acho que sim. Eu

acho que de forma até positiva, eu acho que aumenta o nível de discussão. Eu discordo de que a polarização seja algo ruim, eu acho que é um sinal de... Eu acho que violência e radicalismo é um problema, mas polarização é um sinal de amadurecimento. As pessoas estão, de fato, discutindo as pautas que para elas são importantes.

Entrevistador: Ótimo, ótimo. Quarta pergunta. Considerando o contexto atual geral do X, qual o conceito acerca da cultura woke você considera predominante?

Entrevistado: Eu acho que é o conceito que eu relatei mesmo, assim, de maneira pejorativa. Eu não acho que é um termo levado muito a sério, pelo menos na bolha que eu vivo porque eu nunca vi alguém realmente se relatar como se fosse uma agenda que as pessoas defendem por crença mesmo.

Entrevistador: Entendi. É algo mais que você vê outras pessoas fazendo, mas que próximo a você, você nunca viu de maneira positiva?

Entrevistado: Exatamente.

Entrevistador: Ok. Quinta e última pergunta. Você acredita que o conteúdo sobre cultura woke presente no X influenciou seu ponto de vista?

Entrevistado: Ah, definitivamente, definitivamente. Porque eu acho que você fica mais... É... Você absorve mais os argumentos de quem acredita que é algo que não deveria ser levado a sério, né? Então, o seu viés, a sua primeira impressão é sempre essa. Quando você vê uma pauta, a sua tendência é ir contra, né? Você já viu muitos argumentos a favor, e isso não contempla o outro lado.

Entrevistador: Você acha que tem algo que as pessoas que fazem parte da cultura woke, que propagam esse discurso, fazem que faz você ter esse ponto de vista? Tipo, as pessoas são agressivas, as pessoas...

Entrevistado: Eu acho que... Não acho que são agressivas, mas eu acho que, tipo... No início fez sentido, mas eu acho que começou a ter uma puxação, um extremismo exagerado, entendeu? Eu concordo que tem que ter pautas sociais, devem ser defendidas, mas não acho

que você vai resolver problemas históricos de gênero, de classe, punindo o outro lado, sabe? E eu acho que em determinado momento passou a ser muito isso. E querendo ou não, o mundo inteiro é mais conservador do que as pessoas pensam. As pessoas são católicas, as pessoas são evangélicas, as pessoas defendem mais valores. Então, a partir do momento que o movimento tentou defender à força, pautas um pouco mais liberais, no sentido gringo, *liberal*, eu acho que tornou uma reação de revolta do lado contrário, que eu acho que, de certa forma, é justo. Eu acho que tem que ser medido o quão exageradamente você vai para o outro lado.

Entrevistador: Bem, você tem mais alguma consideração a fazer? Algum adicional sobre o seu ponto de vista que possa englobar as perguntas de maneira geral?

Entrevistado: Hum... Eu acho que só tem um ponto do quanto esse termo não é importação de pauta, sabe? É uma pauta intrinsecamente americana, sabe? Surgiu nos Estados Unidos e boa parte das coisas não são aplicáveis, sabe? Acho que o problema dos negros lá é muito diferente do Brasil. Tem origens muito diferentes. Tem causas muito diferentes, tem soluções muito diferentes. De gênero também completamente diferente. Eu acho que esse é outro fator que faz as pessoas terem um pouco de divergência, sabe? Também eu acho que o americano é muito mais individualista do que as pessoas pensam, sabe? No final do dia o cara não tá se importando muito com a pauta social, ele só quer ascender socialmente lá fora. Eu acho que são esses fatores, uma parte de fatores que... fazem ter essa divergência. Quando o americano que está lá pagando imposto, você passou por um movimento nos últimos anos dos americanos de classe baixa perder renda porque passou a competir com a China, por exemplo, um país que abaixou muitos preços e exportou muita deflação. Então o cara lá que trabalhava num setor mais manual, passou a perder renda, enquanto o partido aumenta o imposto. Quando o cara vê isso, e ele vê parte do dinheiro dele indo pra, por exemplo, universidade pública, universidade pública não, universidade privada, que recebe financiamento público, né? Harvard, Stanford, todos essas que recebem financiamento, pra defender causas que não ajudam ele, aí é que vem esse movimento de reação, sabe? Você vê, tipo, todos esses índices crescendo... Eu acho que são pontos que devem ser considerados.

APÊNDICE C - ENTREVISTA 3

Entrevistador: Essa é uma entrevista semi-estruturada, então apesar do roteiro das perguntas já estar formulado, poderão ser feitas mais perguntas caso haja necessidade. Para responder

aos questionamentos, é primordial que seja priorizada transparência e sinceridade para fortalecer a análise. Agradeço a participação e vamos iniciar a entrevista. Foco na transparência e sinceridade, lembrando que o foco também é a sua experiência individual como usuário do Twitter. Ok, primeira pergunta: você conheceu a cultura woke pelo X?

Entrevistado: Sim, sim, sim.

Entrevistador: E qual era a conotação atribuída a ela?

Entrevistado: Eu sou burro, como assim?

Entrevistador: Era de maneira positiva, negativa? Quando você conheceu?

Entrevistado: Quando, ok, certo. Acredito que a galera traduzia de um jeito meio negativo, né?

Entrevistador: Você conheceu já sendo de maneira negativa?

Entrevistado: É.

Entrevistador: Na sua percepção, ao falar sobre o movimento woke ou denominar alguém como woke, qual sentido você atribui?

Entrevistado: Pra mim, se a pessoa é woke, ela é uma pessoa de esquerda e é só isso mesmo que eu acho. Porque geralmente quem fala isso é a galera de direita pra tentar zoar. E é só isso mesmo.

Entrevistador: Você chega a ver alguém de esquerda usando o termo woke de maneira positiva?

Entrevistado: Ah, depende. Às vezes usa meio pra ironizar a galera da direita também. E... É, às vezes usa no sentido positivo mesmo também pra eles.

Entrevistador: Mas majoritariamente você vê como negativo e usa o modo negativo também pra se expressar.

Entrevistado: Exatamente.

Entrevistador: Ok. Terceira pergunta: ao presenciar o auge da transição do Black Lives Matter das ruas pro Twitter em 2020, Você acha que a inserção de pautas sociais no Twitter é um marco influente na experiência dos usuários, seja de maneira positiva ou negativa?

Entrevistado: Ah, acho que sim. Até hoje sempre tem coisas desse tipo aí no Twitter. Sempre tá hitando, bombando, positivo ou negativo, independente do seu lado aí. E eu acho que é bem importante também.

Entrevistador: Você acha que tem um motivo pra isso? Pra ter se tornado um... Um marco?

Entrevistado: Acho que só aconteceu mesmo, porque dá números, né? Gera números dos dois lados.

Entrevistador: As pessoas se identificam.

Entrevistado: Então sempre vai ter gente falando. Pois é. Sim, se identificam. E a galera só gosta de falar mesmo.

Entrevistador: Ok. Quarta pergunta: considerando o contexto atual geral do X, qual conceito sobre a cultura woke você acha que é predominante?

Entrevistado: Conceito sobre a cultura woke que é predominante? Acho que é isso que eu falei, que é a galera de esquerda mesmo. E é isso, que é predominante.

Entrevistador: No caso, o conceito seria assim, você acha que é predominante ele sendo falado de maneira negativa ou positiva?

Entrevistado: Nossa. Acho que mais negativo, porque quem mais fala é a galera da direita falando mesmo, né? Que tudo é woke hoje em dia, reclama de tudo ser woke.

Entrevistador: Então você acha que o woke no Twitter é ligado diretamente à questão ideológica?

Entrevistado: Sim.

Entrevistador: Mas além de ideológicas, também a questão das pautas sociais, ok?

Entrevistado: Sim, sim, sim, sim, sim.

Entrevistador: E a quinta e última pergunta: você acha que o conteúdo sobre a cultura woke presente no Twitter influenciou seu ponto de vista?

Entrevistado: Acredito que sim. Eu me considero bem woke assim... E o Twitter me levou pra ser assim hoje em dia. Então, é, acho que sim.

Entrevistador: Ah, você se considera woke e você acha que o Twitter contribuiu com isso?

Entrevistado: Bastante, sim.

Entrevistador: Tá, de que maneira exatamente? Porque, como você falou, tem muito a predominância do lado negativo e você conseguiu ser influenciado pelo lado positivo.

Entrevistado: Ah, porque é só você abrir os perfis dessa galera que fala mal e você vê que, né, não falam nada com nada, nada que presta, só coisa ruim. E minha visão não tem nada a ver com a deles, então, sou mais do outro lado mesmo, eu sou woke, na veia mesmo.

Entrevistador: Então, só pra ficar aqui em termos claros, você acha que quem fala mal não tem nenhuma coerência no discurso e também a questão ideológica você não se identifica?

Entrevistado: Exato.

APÊNDICE D - ENTREVISTA 4

Entrevistador: Essa é uma entrevista semi-estruturada, então apesar do roteiro das perguntas já estar formulado, poderão ser feitas mais perguntas caso haja necessidade. Para responder aos questionamentos, é primordial que seja priorizada transparência e sinceridade para fortalecer a análise. Agradeço a participação e vamos iniciar a entrevista. Você conheceu a cultura woke pelo x?

Entrevistado: Por amigos.

Entrevistador: E qual era a conotação atribuída a ela?

Entrevistado: É... Pessoas que extrapolam o limite do ativismo.

Entrevistador: Isso de uma maneira negativa?

Entrevistado: É.

Entrevistador: Ok, segunda pergunta: na sua percepção ao falar sobre o movimento woke ou denominar alguém como woke qual sentido você atribui?

Entrevistado: Posso falar o que eu penso de verdade?

Entrevistador: Pode, o ideal é que você seja transparente e sincero.

Entrevistado: Chato.

Entrevistador: Ok. Só isso?

Entrevistado: É, porque eu utilizo o termo, só que da forma errada, né? Tipo, eu utilizo só de resenha.

Entrevistador: Ok, então você continua reproduzindo ele de uma maneira negativa, né? O termo.

Entrevistado: É.

Entrevistador: Ok, terceira: você considera a inserção de pautas sociais no Twitter um marco influente na experiência dos usuários?

Entrevistado: Sim, porque quem usava de maneira para outros temas acabava tendo a sua experiência influenciada por quem usava para militar.

Entrevistador: Ok, quarta: considerando o contexto atual do X, qual conceito da cultura você acha que é predominante? Você acha que as pessoas abordam mais de maneira negativa ou positiva?

Entrevistado: Negativa.

Entrevistador: Tipo assim, disparada? Ou você acha que é um embate?

Entrevistado: Disparado, é.

Entrevistador: Ok, e por último: você acredita que o conteúdo sobre a cultura woke que aparece no X influencia o seu ponto de vista? Tipo, a maneira que as pessoas falam, o conteúdo que elas abordam, pra você ter essa imagem negativa?

Entrevistado: Eu acho que sim, porque é sempre mostrando idiotice. Então eu só acho que eles são mais idiotas mesmo.

Entrevistador: Isso você fala relacionado à maneira que eles escrevem ou ao conteúdo da mensagem mesmo?

Entrevistado: Ao conteúdo que eles estão debatendo.

Entrevistador: Ok, então é isso. Tem alguma consideração final, algum adicional que você deseja falar que englobe o assunto discutido nas perguntas?

Entrevistado: Eu só acho que hoje em dia a cultura woke está caindo por terra.

Entrevistador: Então você concorda que iniciou como algo positivo, mas que...

Entrevistado: Virou algo negativo e que hoje em dia já não está tão forte quanto era antigamente. E que daqui a um tempo não vai existir mais. Vai existir, mas vai estar enfraquecida.

APÊNDICE E - ENTREVISTA 5

Entrevistador: Essa é uma entrevista semi-estruturada, então apesar do roteiro das perguntas já estar formulado, poderão ser feitas mais perguntas caso haja necessidade. Para responder esse questionário, é primordial que você priorize a transparência e a sinceridade como usuário da plataforma para fortalecer a minha análise e assim poder ter um resultado mais efetivo. Bem, vamos iniciar a entrevista. A primeira pergunta é: você conheceu a cultura woke por intermédio do Twitter?

Entrevistado: Eu acho que sim, porque eu nunca tinha ouvido o termo woke, né? Começou a surgir agora, porque antes a galera usava outro termo, né? Que era cultura da lacração.

Entrevistador: Então, assim, você conheceu a cultura woke pelo X. E quando você conheceu, qual era a conotação que era atribuída a ela?

Entrevistado: Era a conotação negativa, né? Sempre quando aparece alguma coisa que contraria o pensamento conservador, que também está muito presente no Twitter. a galera sempre fala que é a cultura woke que está transformando as coisas, que uma personagem mulher ser protagonista num jogo é muito woke. Então, é sempre em um contexto negativo.

Entrevistador: Na segunda pergunta, o questionamento é: na sua percepção, ao falar sobre o movimento woke ou denominar alguém como woke, qual é o sentido que você atribui?

Entrevistado: Assim, eu sou woke, né?

Entrevistador: E pra você, o que seria isso? Você atribui o mesmo sentido de quando você conheceu, algo pejorativo?

Entrevistado: Você dizer que uma coisa é woke é basicamente ser uma coisa que contraria as normas e padrões que a sociedade tenta impor, né? Que é a heterossexualidade, que é o protagonismo de pessoas brancas, cis. Então, você ser woke, atualmente, eu acredito que seja um termo que envolva você ser parte de uma minoria e abraçar essa identidade.

Entrevistador: Sim... Bem, dito isto, a terceira, eu preciso que você preste atenção para não ficar muito confuso. Mas assim, como você está no Twitter já desde 2020 para antes, depois que você presenciou o auge da transição do Black Lives Matter das ruas para o Twitter... Você acha que a presença de pautas sociais no Twitter é um marco influente na experiência dos usuários?

Entrevistado: Nossa, com certeza. Muito, porque tudo no Twitter é movido a opiniões e a levantamento de tags. Então, quando um assunto está em pauta, os usuários sempre têm a necessidade, às vezes boas, às vezes não, de colocar suas opiniões e tentar se manifestar em relação ao que eles acreditam. Então, a maioria dos movimentos sociais, como o Black Lives Matter, o movimento Me Too, que eram mulheres falando sobre suas experiências com assédio, e até mesmo questões que nem a questão daquele menino que morreu sufocado na delegacia, no carro de um policial, que aconteceu aqui no Brasil, inclusive, foi levantado e foi manifestado através de tags, então tudo que chega... Principalmente no Twitter, em relação às pautas e causas sociais, é na intenção de atingir um determinado número de pessoas e chegar em outras pessoas que talvez não soubessem dessa situação. Então, o Twitter é realmente uma rede de compartilhamento de informações e de causas sociais.

Entrevistador: Pronto. A quarta pergunta: considerando o contexto atual geral do Twitter, qual o conceito acerca da cultura woke você acha que é predominante lá?

Entrevistado: Eu ainda acho que é um conceito negativo e pejorativo, porque, como eu falei anteriormente, é uma rede social pautada em opiniões. E as diretrizes do Twitter estão cada vez mais... Menos regulamentadas, então... as pessoas estão se sentindo muito livres... para poderem compartilhar... entre aspas... opiniões que na verdade são... pensamentos preconceituosos que não são mais velados. O Twitter ainda é uma rede social que dissemina muito ódio. Eu acho que a cultura woke ainda é utilizada como crítica ao invés de ser algo positivo, tanto no Twitter quanto no TikTok também. Eu acho que são redes sociais muito irmãs quando se tratam disso, não tem regras, não tem... boas diretrizes e as pessoas

compartilham o que quiserem sem ter suas devidas consequências. É muito difícil você conseguir denunciar uma conta preconceituosa e essa conta cair, por exemplo.

Entrevistador: E a última pergunta. Você acredita que o conteúdo sobre a cultura woke no Twitter influenciou o seu ponto de vista?

Entrevistado: Nossa, pergunta foda essa. Eu acho que... acho que sim. Porque, de novo, eu nem sabia o contexto do que significava woke. Então, de certa forma, influenciou o meu ponto de vista, mas eu filtrava o que eu queria saber em relação a isso. Então, quando era uma opinião positiva, eu acatava e tentava aderir mais ao meu conhecimento. Quando era negativo, eu só ignorava o post e seguia com a minha vida. Eu acho que a galera se deixou influenciar muito... Em relação aos conteúdos que querem ver mesmo. Não é sem querer. É um conteúdo seletivo.

Entrevistador: Então, assim, considerando que eu gostaria de saber também de que maneira você foi influenciada, você acredita que tenha sido mais, tipo, só assim, filtrando as coisas que você queria ver e se identificando, ou você acha que o ódio que as pessoas disseminam também, querendo ou não, motivou você a se sentir ainda mais engajada a defender a sua causa?

Entrevistado: De que forma me influenciou... eu sou LGBT, né... de novo. Então... sabendo o que significa cultura woke e levando em consideração também a minha posição política, a minha posição em relação à minha orientação sexual, o fato de eu ser um milhão de minorias em uma pessoa... me fez tentar entender o significado e tentar aderir na minha vida o que fazia sentido em relação aos conteúdos online. E querendo ou não, a opinião negativa também influencia a gente a querer tentar criar conteúdos que contrariem essa massa, porque se você vê na internet uma pessoa que está ofendendo a sua existência, é bem provável que você queira fazer parte da resistência, que você não somente ignore o conteúdo, mas você tente engajar para que esse tipo de conteúdo que fere uma parcela dos direitos humanos não exista, ou talvez não seja tão famoso quanto está sendo agora. Saudade do quebrando o tabu, inclusive, faz muita falta em 2025.

Entrevistador: Bem, essa foi a última pergunta. Eu queria só deixar esse espaço para caso você tenha mais alguma consideração a fazer, como um todo, sobre o assunto que a gente abordou nas perguntas. Se você tem uma consideração final mesmo.

Entrevistado: Eu acho que hoje em dia é muito *cool*, é muito legal você ser preconceituoso na internet, antes a galera sentia mais vergonha de compartilhar seus estigmas, seus preconceitos, mas levando em consideração o cenário político, principalmente pós-2018 com o governo Bolsonaro, a ascensão dos memes de direita, começou a ser criado muitos termos que ferem muitas pessoas, muitas minorias e ninguém se preocupa mais em velar esse preconceito da internet, ele é exposto e as pessoas seguem e pronto, é um movimento, a cultura incel é um movimento, a cultura woke é um movimento então tipo, a culpa é da ascensão dos memes de direita.

APÊNDICE F - ENTREVISTA 6

Entrevistador: Boa noite. Essa é uma entrevista semi-estruturada, ok? Então, as perguntas já estão prontas, mas caso eu sinta necessidade de fazer mais alguma, eu vou fazer no meio do percurso, ao longo do percurso, para responder os questionário é primordial que você priorize a transparência e a sinceridade da sua experiência como usuária, para a gente fortalecer a análise. Então, agradeço desde já a participação e vamos dar início à entrevista. A primeira pergunta é: você conheceu a cultura woke pelo Twitter?

Entrevistado: Sim.

Entrevistador: E qual foi a conotação que era atribuída a ela?

Entrevistado: Era negativa muitas vezes por homens, esses homens assim, de conteúdo nerd.

Entrevistador: Ah, então você reparou que tinha esse padrão de ser utilizado por homens?

Entrevistado: Sim, e aí era sempre, normalmente o que eu via era de filmes, como o da Branca de Neve, o da Pequena Sereia. E falando que essa militância, essa cultura woke tá estragando os filmes e eles estão merecendo essa péssima audiência, essas coisas.

Entrevistador: Ok. A segunda pergunta é, na sua percepção, quando você fala sobre a cultura woke ou você chama alguém de woke, qual é o sentido que você atribui?

Entrevistado: Eu acho que agora eu me lembro mais do sentido negativo. Não que eu acho que seja negativo, mas a primeira coisa que vem na cabeça é negativo. É pejorativo, é de zoeira, pra zoar alguém. Mas eu não vejo como negativo, não. Acho que... É necessário. Então, acho que eu não chamaria ninguém de woke, mas...

Entrevistador: Mas que quando você vê o termo, você já atribuiu sentido negativo?

Entrevistado: Isso.

Entrevistador: Ok. A terceira pergunta é: você considera que a inserção de pautas sociais no Twitter foi um marco influente na experiência dos usuários, seja de forma negativa ou positiva? Pois antes de Black Lives Matter e afins, não era tão popular as pautas sociais serem discutidas, tipo racismo e homofobia. Você acha que a inserção dessas pautas foi impactante para o usuário? Seja de maneira positiva ou negativa?

Entrevistado: Com certeza. Agora é muito pior... Qualquer coisinha, ou é motivo pra um auê muito grande, ou é xingamento demais. Eu acho que impactou muito. Acho que o Twitter, principalmente, todo mundo começou a achar mais chato por conta disso, né? Porque é mais difícil de lidar com tudo lá. A galera é mais sensível.

Entrevistador: Entendi. Agora a quarta: considerando o contexto atual geral do X, Twitter. Qual o conceito acerca da cultura que você acha que é predominante?

Entrevistado: O negativo, o conceito de que é uma militância exagerada, que estraga as histórias já feitas e não tem sentido. O que vem na minha cabeça primeiramente é o sentido negativo, porque tudo que eu já vi, o que eu comecei a ver já era pejorativo, já era um sentido ruim.

Entrevistador: Alguma vez você já viu alguém usando um sentido positivo?

Entrevistado: Já vi, tipo assim, respostas a tweets que faziam essas menções de um jeito negativo e as pessoas comentando que não era pra ser nesse sentido, né? Que, na verdade, é importante inserir representatividade nas histórias, essas coisas. Então, já vi, mas assim, normalmente em resposta aos que foram ruins.

Entrevistador: Ok. E a quinta e última pergunta, você acha que o conteúdo sobre a cultura woke que está presente no Twitter influenciou o seu ponto de vista?

Entrevistado: Não. Tipo assim, não acho ruim. Eu tenho mais raiva de quem faz esses comentários e debocha. Então assim, eu posso, sei lá, eu posso não gostar, teve Branca de Neve, posso não gostar do filme, mas eu acho que eu tenho a tendência de lidar melhor com o filme e aceitar mais depois de ver esses comentários negativos. Então, tipo assim... Ah, é um sentimento do, tipo, repulsa. Não quero concordar com eles nunca, entendeu?

Entrevistador: Ah... Bem, finalizamos. Eu gostaria de saber se tem algum comentário adicional final que tenha relação com o conteúdo das perguntas que você queira adicionar.

Entrevistado: Não, acho que é isso mesmo. Pronto, esse negócio do meio nerd, assim, é bem recorrente. Eu já notei isso.

Entrevistador: Você acha que é predominante essa questão de sempre estarem perpetuando a cultura woke como algo negativo por parte deles?

Entrevistado: Sim. Com certeza.

APÊNDICE G - ENTREVISTA 7

Entrevistador: Essa é uma entrevista semi-estruturada, então apesar do roteiro das perguntas já estar formulado, podem ser realizadas mais perguntas caso haja necessidade. Para responder esse questionário é primordial que seja priorizada a sua transparência e sinceridade como usuário do Twitter para fortalecer a análise. Bem, vamos começar. A primeira pergunta é: você conheceu a Cultura Woke por meio do Twitter?

Entrevistado: Sim, na verdade pode ser que eu tenha conhecido mais boa parte dela por meio do Twitter, mas a primeira rede social que eu tive quando começou a Cultura Woke foi Instagram, então eu não tenho certeza, mas o que eu conheci muito mais foi no Twitter mesmo.

Entrevistador: E nessa época que você conheceu, qual era a conotação que era atribuída a ela?

Entrevistado: Que a primeira vez que eu vi ela era como uma coisa boa, uma coisa que ia dar mais visibilidade a minorias e algo mais revolucionário.

Entrevistador: Pronto. Bem, na sua percepção, ao falar sobre o movimento woke ou denominar alguém como woke, qual o sentido que você atribui?

Entrevistado: Agora eu atribuo como exagerado.

Entrevistador: Então você utiliza mais o lado negativo, pejorativo, né?

Entrevistado: Mais como negativo, sim.

Entrevistador: Então você propaga como algo pejorativo também.

Entrevistado: É.

Entrevistador: Ok. A terceira pergunta, eu preciso de um pouquinho de atenção para não se perder durante o enunciado. Como você esteve no Twitter lá em meados de 2020, ao presenciar a transição do Black Lives Matter das ruas para o Twitter, você acha que a inserção de pautas sociais nas redes sociais impactaram na experiência do usuário?

Entrevistado: Sim, com certeza. Pelo menos na época, mas principalmente na época do... Daquele caso do americano, que eu esqueci o nome agora. Tinha muita coisa no Twitter sobre esse caso e... Nesse caso eu não achei negativo, não achei woke, porque realmente foi algo absurdo. E era só o que aparecia no meu Twitter, nesse caso de Black Lives Matter.

Entrevistador: Então você acha que para além do Black Lives Matter, as pautas sociais em geral tiveram um impacto muito grande nos usuários, seja ela de maneira negativa ou positiva.

Entrevistado: Sim, pelo menos no meu Twitter é basicamente o que tem, apenas pautas sociais e discussões.

Entrevistador: Você acha que tem algum motivo para ter esse impacto tão grande na experiência do usuário?

Entrevistado: Eu acho que é porque essas pautas sociais são o que levam as pessoas a discutirem. Se as pessoas discutirem, são mais comentários, mais comentários mostra para mais pessoas que é uma rede maior ainda.

Entrevistador: Pronto. Bem, considerando o contexto atual geral do Twitter, qual o conceito acerca da cultura woke que você acha que é predominante? Você falou que conheceu como algo positivo, mas que atualmente propaga como algo pejorativo. Você acha que hoje em dia, qual a conotação que as pessoas utilizam mais?

Entrevistado: Então, é que tem dois mundos. Tem no meu Twitter, que tem um algoritmo, e tem no que eu acho que acontece no Twitter em geral. A pergunta é voltada pra qual caso?

Entrevistador: O contexto atual geral.

Entrevistado: Ah, geral, então acredito que a conotação da cultura woke no contexto geral. Antes eu creio que era mais voltado ao lado positivo, mas agora talvez esteja num ponto de inflexão. Mas ainda assim eu acho que a maior parte é positiva.

Entrevistador: Ah, você acha que a conotação positiva é a predominante ainda?

Entrevistado: Sim, mas está chegando no ponto de inflexão, ao meu ver.

Entrevistador: Ok, por último: você acredita que o conteúdo sobre cultura woke presente no twitter influenciou seu ponto de vista?

Entrevistado: Creio que sim, pelo menos meu twitter é bem dividido, tem os dois lados então eu creio que não me motivou mas me influenciou em várias situações.

Entrevistador: Você consegue definir de que maneira te influenciou?

Entrevistado: Acho que me influenciou mais no âmbito do twitter mesmo porque quando eu vejo alguma coisa que não faz sentido ou que é um argumento bem horrível me dá vontade de comentar mas geralmente eu não comento, é... mas foi nesse sentido aí de eu ver e ficar vendo sobre e cada vez me afunilando mais na discussão pra saber o que tá acontecendo e qual opinião formar sobre o caso.

Entrevistador: Entendi. Então, basicamente, não necessariamente as discussões que tem lá formaram a sua opinião, mas você já tem um conjunto de questões morais que você foi moldando ao que estava aparecendo ali.

Entrevistado: Sim. Basicamente, o Twitter, nesse caso, seria um local para ver situações e casos, para você testar a sua moral e ver que lado você seguiria. Por exemplo, testar se nesse caso sua moral é válida, se não, então melhore ela e você vai moldando sua moral baseado nas situações que você vê.

APÊNDICE H - ENTREVISTA 8

Entrevistador: Bem, essa é uma entrevista semi-estruturada, então apesar das perguntas já estarem compondo um roteiro, podem ser feitas mais perguntas ao longo da entrevista, caso haja necessidade. Para responder os questionamentos, é importante que você preze muito pela transparência e sinceridade, já que o foco aqui é a sua experiência como usuário. Bem, agradeço desde já a participação e a primeira pergunta é: você conheceu a cultura woke por intermédio do Twitter?

Entrevistado: Eu não tenho certeza agora se foi por intermédio do Twitter, mas com certeza eu me aprofundi lá, entendeu? Porque como tem muito envolvimento com política, meio que é muito utilizado lá e discutido, entendeu?

Entrevistador: Quando você conheceu, qual era a conotação atribuída à cultura woke?

Entrevistado: Desde o começo, sempre foi uma conotação pejorativa mesmo, sabe? Em tom de... pejorativa.

Entrevistador: Então, você nunca chegou a ver de maneira... Você já conheceu de maneira negativa, não chegou a ver de maneira positiva?

Entrevistado: Sim, mas daí quando eu falo de maneira negativa, não é o significado em si, mas a forma como é utilizada a palavra, entendeu? Quem tá usando, por que tá usando, geralmente é num contexto... para prejudicar mesmo, entende?

Entrevistador: A segunda pergunta: na sua percepção, ao falar sobre o movimento woke ou denominar alguém como woke, qual é o sentido que você atribui?

Entrevistado: O sentido que eu atribuo é alguém que luta por ideais em comum, geralmente em torno de uma identidade ou algo assim.

Entrevistador: Então, quando você vê no Twitter e você pensa, tipo, nossa, essa pessoa é woke. Então, você associa aquilo a uma pessoa que luta por direitos?

Entrevistado: Sim, uma pessoa que está, de certa forma, inserida em algum movimento social, em alguma prática identitária, que leva ela a ser vista, tipo assim, como um grupo, sabe?

Entrevistador: Sim. Bem, a terceira eu preciso de um pouquinho de atenção, mas assim, ao presenciar o auge da transição do Black Lives Matter das ruas para o Twitter, já que você usa desde antes de 2020, que foi quando ocorreu essa transição, você acha que a inserção de pautas sociais no Twitter foi um marco influente na experiência dos usuários?

Entrevistado: A inserção, no caso, o fato do Black Lives Matter ter ficado mais popularizado no Twitter, se ele influenciou o surgimento e o fortalecimento de outros movimentos também, é isso a pergunta?

Entrevistador: Isso, ele com certeza influenciou, mas você acha que isso impactou na experiência do usuário, tipo nas pessoas que estão ali utilizando? E antes utilizaram, por exemplo, mais para o lazer e afins, e passou a ser uma rede mais politizada, que gira em torno de discussões. Você acredita que isso impactou na experiência dos usuários, seja de maneira positiva ou negativa?

Entrevistado: Eu acredito que o Twitter sempre foi uma rede social politizada, sempre foi um lugar para políticos, para jornalistas manifestarem suas opiniões. Então, sempre tiveram assuntos, assim, chocantes, né? Assuntos de grande relevância na mídia, e eu acho que o Black Lives Matter não é diferente. Porém, tipo assim, não me recordo exatamente, tipo... outros movimentos que vieram antes... Acredito que teve movimentos feministas também tipo aquele do batom, sabe? Tipo... Aquele... Enfim... Alguns outros polêmicos também... Mas não noto essa relação com Black Lives Matter...

Entrevistador: Você não nota essa relação?

Entrevistado: Não noto... Assim... Claro... Eu acredito que claro... teve influência, mas eu não consigo enxergar, tipo, diretamente a isso, sabe? Como você falou, tem uma influência, acredito sim nisso, mas eu não acho que foi restritamente isso.

Entrevistador: Mas, então, no fim das contas, assim, desconsiderando ligeiramente o Black Lives Matter e essa contextualização, no fim das contas, você acha que as pautas sociais estarem presentes no Twitter influenciam, sim, a experiência do usuário?

Entrevistado: Influenciam, claro. Com certeza. Inclusive, eu acho que é uma rede social de tipo de bolhas. Então, as pessoas, elas estão ali para... debater com pessoas que pensam, seja ou diferente ou igual, mas que, no fim, todo mundo está interessado na opinião do outro, uma rede social de opinião. Então, acho que o movimento tem uma força muito grande quando ele chega lá.

Entrevistador: Bem, com isso, podemos ir para a quarta pergunta. Considerando o contexto atual, geral, do Twitter, qual o conceito acerca da cultura woke você acha que é predominante atualmente?

Entrevistado: Eu acho, eu acredito que desde que o Elon Musk assumiu o Twitter, se formaram mais... Tá muito politizado. E eu acho que continua ainda muito dividido. Assim... De verdade, eu acho que nos últimos anos, logo quando ele assumiu e tal, teve uma crescente. Eu via muitos, muitos tweets de movimentos de direita. Mas aí ultimamente voltou a aparecer muitos virais progressistas, sabe? Muitos virais críticos a, por exemplo, aquela polêmica da menina de euphoria. E eu acho que hoje em dia tá... é como se ele tivesse regulamentado os algoritmos para favorecer, para realmente fomentar as bolhas. Então na minha bolha do Twitter aparecem muitas pessoas com pensamentos ideais daquilo que eu acredito. Porém, como eu falei, até um tempo atrás eu notava que tinha um crescimento muito grande de opiniões contrárias aos movimentos woke, enfim, que é como chamam. E aí eu não sei se essa é uma questão de algoritmo ou uma questão de um debate que estava prevalecendo, entendeu?

Entrevistador: Mas aí, como aqui a gente tá priorizando, assim, o seu ponto de vista, então, de acordo com o que você anda vendo, considerando que, assim, você, na primeira pergunta, você falou que conheceu e via mais as pessoas falando de uma maneira pejorativa. Hoje em dia, você acredita que tá mais equilibrado, então?

Entrevistado: Você tá falando diretamente sobre o woke?

Entrevistador: Isso.

Entrevistado: Ah, tá. Sobre o woke, eu acredito então que é visto ainda como pejorativo. Mesmo sobre pessoas que recebem essa atribuição, tipo, costumam lutar por causas sociais, elas fazem piada, elas não gostam dessa atribuição

Entrevistador: Entendi, então, respondendo a pergunta, que seria assim, qual o conceito predominante hoje em dia no Twitter acerca da cultura woke, então ainda continua sendo a conotação negativa?

Entrevistado: Isso.

Entrevistador: Ok. E a última pergunta é: você acredita que o conteúdo sobre a cultura woke presente no Twitter influenciou o seu ponto de vista?

Entrevistado: O conteúdo woke... eu acredito que de alguma forma sim... porém é aquela coisa que a gente aprende inclusive na nossa área... que a gente já tem nossas crenças e opiniões de mundo formadas, acredito que tudo aquilo que a gente consome acaba fomentando e se agrupando... mas... não acho que é determinante, entendeu? Por exemplo, ver um filme ou um conteúdo que é dito como woke, que aquilo vai mudar, tipo, eu assistir e aquilo vai me causar um efeito imediato. Não, eu posso colocar esse mesmo filme pra uma outra pessoa que tem uma crença diferente e não vai surtir efeito nenhum, entendeu? Então eu acho que é muito um conjunto de experiências, um conjunto de individualidade e inclusive de identitarismo, que é aquilo que eu falei, né, que tá ligado ao woke.

Entrevistador: Então, mesmo quando a gente tá falando não necessariamente de conteúdos no geral, mas, por exemplo, dos discursos, né? Porque no Twitter a gente se pauta muito no discurso das outras pessoas. Então, você acredita que mesmo os discursos woke não tiveram uma influência direta na sua opinião?

Entrevistado: Não. Eu acredito que os discursos, sim. Porém, conteúdos, assim, soltos, de repente, sei lá... Tá, eu acho que sim. Eu acredito que sim. Parei pra refletir melhor, sim.

Entrevistador: Então, no fim das contas, você acredita que o conteúdo que aparece lá te influencia, sim?

Entrevistado: Sim, influencia.

Entrevistador: Você sabe definir, assim, exatamente de que maneira?

Entrevistado: Volto a falar das bolhas, eu acredito que quando... uma opinião... um modo de enxergar as coisas é muito... é muito apoiado... é muito... você diz uma opinião em relação a um assunto e aí você vê outras pessoas validando aquela ideia você de certa forma... talvez... é convidado a refletir e de certa forma aceita aquilo também, sabe, passa por um processo de inserção, de internalização.

Entrevistador: Entendi. Então, você acha que é essa combinação desse processo de internalização com as bolhas e com o fato da gente já ter opiniões, né? E que a gente vai, normalmente, é direcionado àquilo que a gente já se identifica.

Entrevistado: Exatamente.

Entrevistador: Você tem alguma consideração final, alguma colocação para fazer relacionada a todo o conteúdo que foi abordado nas perguntas?

Entrevistado: Eu acredito que esse negócio woke não foi, de certa forma, criado por aquelas pessoas que são meio que tachadas, sabe? Eu acredito que é um movimento político para reduzir movimentos sociais e avanços progressistas. E... É isso, acredito que é como se fosse uma invenção, como se fosse um fantasma que criam pra atrasar o debate, realmente. Porque apesar de as pessoas começarem a enxergar, mesmo quem defende esses ideais e começar a enxergar como algo ofensivo, no fim as pessoas estão lutando por melhorias, sabe? Então não tem porquê no fim das contas virar algo ruim, sabe?

Entrevistador: Então, só sintetizando o que foi dito, você acha que o fato de hoje em dia ser enxergado como algo pejorativo é muito mais um monstro que foi criado do que algo que realmente nasceu para ser ruim?

Entrevistado: Sim.